

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Thaís de Souza Silva Freitas

**As Culturas do Brincar como Espaços
de História e Memória**

**Campinas
2008**

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

1290003706

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Thaís de Souza Silva Freitas

**As Culturas do Brincar como Espaços
de História e Memória**

**Monografia apresentada à Faculdade de
Educação da UNICAMP, para obtenção do
título de Bacharel em Pedagogia, sob a
orientação da Profa. Dra. Maria Carolina
Bovério Galzerani.**

**Campinas
2008**

© by Thaís de Souza Silva Freitas, 2008.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/Unicamp
	F884c
V:.....	EX:.....
TOMBO:.....	3706
PROC:.....	129/08
C:.....	D: X
PREÇO:.....	31,00
DATA:.....	09/10/08
Nº CPD:.....	445880

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F884c Freitas, Thaís de Souza Silva.
As culturas do brincar como espaços de história e memória / Thaís de
Souza Silva Freitas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Maria Carolina Bovério Galzerani.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1.História. 2. Memória. 3. Brincar. 4. Cultura infantil. 5. Cultura escolar. I.
Galzerani, Maria Carolina Bovério. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

08-141-BFE

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha mãe Selma e para o meu pai Francisco, ao meu irmão Raphael, a minha avó Terezinha, a minha tia Célia e principalmente ao meu marido Thiago e a minha filhinha Geovana.

Agradecimentos

Primeiramente vejo a importância de agradecer as pessoas que teceram diretamente e indiretamente os fios dessa monografia. Agradeço a Deus a vida, a oportunidade de graduar na universidade pública.

De aprender e de evoluir intelectualmente.

Agradeço a minha família pelo apoio e pelos incentivos.

Agradeço principalmente a Carol por ser quem é. Por entender, incentivar, cobrar, escutar, perdoar, ensinar e orientar. Por confiar e acreditar em mim, na minha capacidade de aprender, criar e escrever.

Agradeço por ter apresentado-me a Thompson e a Benjamin. Por ter mostrando um novo olhar sobre a produção de conhecimento histórico.

Agradeço a Ana Luiza Smolka por ter aceitado o convite de ser a segunda leitora da minha monografia.

Também agradeço pelo incentivo e pela disposição em sempre me ajudar.

Agradeço a escola EMEF Jardim Sumarézinho por abrirem as suas portas para que eu realizasse a minha pesquisa.

Agradeço a todos os professores e as minhas amigas de faculdade por acompanhar-me na longa caminhada do fazer-se professor.

Ser criança

Que vontade de voltar a ser criança
E ver a natureza bem perto de mim
Só pra ver passarinhos dar pulo nos galhos
E ver mangas caídas, perdidas no chão
Sentir o que sou, ver Sol nascer
Depois nadar e brincar de amor...
Esse sou eu, esse sou eu...

Darlan Marques, cd Monjolear/ 1997

Sumário

❖ Resumo	1
❖ Introdução	3
○ Como tudo começou: minhas memórias	3
○ O início do tecer de fios na produção de conhecimento histórico	7
❖ <u>Capítulo I – Tecer fios bibliográficos</u>	16
○ Imagens de criança	16
○ Brincar e o brinquedo	23
○ Tecer fios: O brincar na educação	29
❖ <u>Capítulo II- Os entrecaminhos da história do brincar (na longa duração)</u>	32
○ ...caminhos trilhados: história das brincadeiras e brinquedos dialogando com as contribuições historiográficas de W. Benjamin.	40
○ Entrecaminhos: encontros e confrontos da história do brincar no Brasil.	48
❖ <u>Capítulo III – (Re) tecendo fios da modernidade capitalista e suas relações com o brincar.</u>	53
○ Mundo infantil versus o mundo adulto na contemporaneidade.	56

○ O Brincar na Escola na Contemporaneidade.	64
❖ <u>Capítulo IV</u> – Encontros e descobertas potencializados pela pesquisa.	68
○ Caracterização do espaço e dos sujeitos da pesquisa	68
○ Dados da observação participante	69
○ Dados da entrevista com os alunos	70
○ Dados do questionário para as professoras	71
○ Dados sobre o material produzido pelos alunos	72
○ Análise dos dados	72
○ Observação participante	74
○ Entrevista com os alunos	79
○ Produção de desenhos	82
○ Questionário para as professoras	85
❖ <u>Capítulo V-</u> Potencialidades do conceito de resistência: em busca de inspiração para a produção de conhecimentos sobre as práticas do brincar.	91
❖ <u>Capítulo VI</u> – Para não concluir	98
❖ <u>Referências bibliográficas</u>	103
❖ <u>Anexo I</u> – Transcrição das entrevistas com os alunos	107
❖ <u>Anexo II</u> – Transcrição do questionário com as professoras	128
❖ <u>Anexo III-</u> Produção de desenhos pelas crianças	144
❖ <u>Anexo IV-</u> Imagens iconográficas das crianças brincando no recreio.	148

Resumo

O presente trabalho potencializa compreender as culturas do brincar como espaços de histórias e de memórias, situadas na contemporaneidade. Possibilita focalizar o tema das brincadeiras infantis enquanto produções históricas, enraizadas nas relações sócio-culturais, relações essas historicamente datadas, portadoras de efeitos de dominação e de resistência; ou ainda, potencializa enfocar as brincadeiras infantis como práticas culturais que se relacionam com outras práticas culturais, tanto do mundo da infância quanto do mundo dos adultos.

Neste sentido, pudemos perceber como as relações capitalistas de existência têm historicamente agido de forma voraz, produzindo o afastamento dos adultos das brincadeiras infantis, de maneira a tornar o brincar, em grande parte das vezes, apenas um momento, um instante de "lazer", de "descanso", de "descompromisso". Tal relação tende a transformar essa experiência, essencialmente humana, em experiência "maquínica", controlada e regrada.

No que diz respeito às metodologias colocadas em ação, a pesquisa focalizou brincadeiras infantis através da observação participante (do recreio dos alunos), das entrevistas com alunos e professores, bem como através das representações gráficas das crianças. O lócus pesquisado foi uma instituição escolar da rede pública (EMEF Jardim Sumarézinho), situada no município de Hortolândia/SP, em um bairro das classes trabalhadoras.

Como fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, dialogamos com as produções de autores como P. Áries, E. Palmer Thompson, W. Benjamin e L. S. Vygotsky, os quais nos possibilitaram a construção de conceitos, concebidos como hipóteses, como categorias provisórias, a serem submetidas à pesquisa empírica. O que se objetivou foi a tentativa de produção de uma metodologia fundada em uma lógica histórico-educacional. Dentre tais conceitos, destacamos os seguintes: infância, brincar, modernidade capitalista, mudanças e permanências, experiência e resistência cultural.

Introdução

Como tudo começou: minhas memórias.

Nasci em uma bela manhã do dia 31 de março de 1984, as 10:45.
Nasci sonhando... sonhando em ser criança...ser jovem.... ser adulto...
sonhando em ser...

Tive uma infância... tenho uma infância...

Pois, ainda sou criança.

Sempre brinquei muito.

Gostava de brincar de esconder da minha avó Tereza.

Essa por sua vez, andava a casa toda me procurando.

Gostava de esconder os objetos da minha mamãe Selma e da minha
tia Célia.

Gostava de brincar com a minha mãe.

Gostava de contar sobre as minhas brincadeiras.

Gostava de pegar os seus batons, seus perfumes, seus sapatos, seus
lenços e suas bolsas.

Brincar também era uma forma de esquecer.

Esquecer que minha mãe estava trabalhando; estava longe.

Esquecer da saudade.

Do medo dela não voltar.

Mas, ela sempre voltava sorrindo, mesmo cansada.

Foi observando minha mãe que fui aprendendo o que queria ser:

Mulher, mãe, profissional, filha, esposa, irmã, amiga.

Ou seja, os vários papéis sociais assumidos por essa grande mulher.

Gostava de pentear os cabelos do meu pai Francisco e de estourar as
suas espinhas.

Fazia vários penteados e maquiava o seu rosto enquanto dormia.

Gostava de brincar o dia todo de casinha, na área da minha casa em
Hortolândia.

Gostava de brincar de ser mãe.

Tinha várias filhas: a Jussara Mariana, a Laura, a Emily e outras que
não lembro mais o nome.

Era uma mãe. Dava de mama; dava banho; trocava a roupa; colocava
para dormir.

Gostava de brincar com o meu irmão Raphael.

Ele sempre foi o meu grande companheiro de brincadeira.

Em algumas vezes ele era o meu irmão mesmo. Em outras era meu
filho, meu paciente, meu amigo, meu pai.

Posso dizer que ensinei o meu irmão a brincar, a ser feliz, a ser
criança.

Mas, quem me ensinou a brincar?

Não sei, mas acredito que no convívio com a minha família e com os
outros sociais, aprendi a brincar, a ser mãe de mentira, a montar uma casinha.

Quando inicie os meus estudos percebi que as brincadeiras não seriam
mais as mesmas, pois agora tinha que estudar algo sério.

Mesmo estudando, sempre busquei brechas outras para as minhas
brincadeiras.

Conheci o meu marido brincando de esconder.

Foi brincando que fomos nos conhecendo e nos descobrindo, dando
início a nossa história.

Entrar na universidade pública especificamente na UNICAMP,
significou muito para mim.

Era um sonho, um sonho de ser... ser alguém, alguém diferente, que
fizesse a diferença onde estivesse.

Queria passar pela universidade não apenas como mera estudante.

Mas, queria estudar, aprender, compreender, refletir, pesquisar, mas
também brincar, sonhar, imaginar...

A primeira oportunidade que tive de unir a razão ao brincar foi na
disciplina da Professora Dra. Ana Smolka.

Através da sua mediação foi incentivada a desenvolver um projeto de
pesquisa sobre o brincar em uma perspectiva sócio-cultural.

Foi a partir desse trabalho que foi despertada a escolher o brincar
como um objeto de pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso.

Nesse sentido, foi trabalhando esse tema por toda minha graduação.
Tive a oportunidade única de desenvolver um projeto de iniciação
científica sobre o grupo escolar Dr. Quirino dos Santos.
Foi uma experiência importante, do meu início de tecer de fios na
produção de conhecimento histórico.
Cruzando outros caminhos encontrei outra luz, sendo essa, de nome
Maria Carolina.
Uma mestre.
Que levou-me a refletir e questionar o brincar a partir do olhar
benjaminiano e thompsoniano.
Abriu meus caminhos mostrando-me que eu era capaz de produzir
conhecimento histórico.
Ofereceu-me várias possibilidades.
Abraçando tais possibilidades e sentindo-me capaz de produzir algo
que comecei a desenvolver juntamente com a Carolina o tema:
As culturas do brincar como espaços de história e memória.
É foi a partir desse tema que voltei a (re) memorar minhas experiências
de infâncias e brincadeiras.
Deus ofereceu-me a oportunidade única de ser mãe; mãe da Geovana.
É assim, que continuo a brincar; brincar com a minha filha.
Brincando ela aprende a brincar, a nanar o seu bebê, a fazer-me nanar.
Brincando ela é criança, ela se realiza como.
É brincando com ela que me torno criança novamente.
Brinco e sou brincadeira ao mesmo tempo.
É e (re) memorando minhas experiências vividas que me afirmo como
sujeito social, produtora de história, memória e cultura.
Agora como tecelã de memórias deixo alguns fios soltos.
Para quem quiser tecer novas histórias e memórias.
Para quem quiser brincar.
Para quem é criança.
Para quem sonha.
Para quem quer ser diferente.
Para quem é diferente.
Para quem não tem vergonha de ser.

Para quem quer ser.
Sujeito da sua própria história.

O início de tecer de fios na produção de conhecimento histórico

“A essência do brincar não é um *“fazer como se”*, mas um *“fazer sempre de novo”*, transformação da experiência mais comovente em hábito.”(BENJAMIN, 1984)

Iniciamos essa viagem oferecendo-lhes um pequeno fragmento deixado pelo olhar sensível de Benjamin, que evoca a brincadeira não apenas como uma atividade infantil, mas como uma experiência humana e espontânea dos homens; assim, olhamos as crianças como pessoas mais completas e inseridas nas relações sociais.

E é por esse motivo que nós humanos brincamos porque gostamos, porque aprendemos, porque sabemos, porque somos crianças, porque transformamos ... brincamos para fugir, para esconder, para inventar, para criar, para imaginar, para fantasiar, para ser...

E é novamente brincando, mas agora brincando com as letras e com as palavras que tentei buscar o significado e a importância de pesquisar o tema infância e brincadeira. E é viajando pelo tempo (re) significando minhas impressões pessoais e humanas, que coloco-me a rememorar minha infância. Nesse sentido, passei a olhar para minha infância e para as minhas experiências de brincadeira, através do crivo do adulto buscando nessas experiências aquilo que mais significou e me motivou para o tema.

Observei como o brincar é por excelência uma atividade humana, no qual pode-se criar, construir, inventar, transformar, destruir, pois o homem é dotado da capacidade de pensar e imaginar, e é utilizando esses dois elementos essencialmente humanos que as crianças constroem o seu mundo

das brincadeiras, (re) significando o mundo dos adultos, ou seja, a sua realidade.

É partindo do mundo dos adultos, isto é, do mundo capitalista e globalizado, que infelizmente cada vez mais esvazia e empobrece as experiências vividas e as relações sociais, tornando essas volúveis, que sobretudo, olho a brincadeira como um espaço de atuação e refúgio das crianças; sendo nesse bojo de relações entre o universo infantil e o universo adulto que emergem várias questões que levaram-me em busca de bibliografias que subsidiassem as minhas reflexões, como algumas obras de Walter Benjamin, E. P. Thompson, Áries, e outros. Sobretudo, é nesse diálogo com tais teóricos que observei:

- Thompson nos leva a observar os movimentos de mudança, permanência e resistência, nas experiências de brincadeiras.

- Benjamin nos leva a refletir sobre a cultura do brincar diante do avanço do capitalismo, assim, trazendo a luz o universo infantil versus universo adulto, como também, o universo mágico versus o universo científico, observando as relações sociais instauradas nesse encontro e confronto entre sujeitos.

- É no bojo de tais questões que norteiam e permeiam toda pesquisa que emergem outras questões como: com quem as crianças brincam, com que instrumentos, em que espaços e tempos.

Todavia, em busca de melhor compreender tais questões vemos a necessidade de trabalhar com o conceito de memória, olhando a memória não apenas em função da história, mas como uma viagem temporal, entrelaçando o passado, presente e futuro.

Galzerani (2004) no diálogo com Benjamin nos mostra que:

rememorar é sair da gaiola cultural que tende a nos aprisionar no sempre – igual e recuperarmos a dimensão do tempo, através da retomada da relação presente, passado, futuro. Neste sentido, rememorar não significa para Benjamin um devaneio ou uma evasão em direção a um passado, do qual não quer mais emergir. Rememorar é partir de indagações presentes, para trazer o passado do vivido como opção de busca atenciosa, em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente. (p.295)

A partir disso, vejo a importância de recuperar a dimensão de tempo olhando para o passado partindo do olhar do presente. Sobretudo, Benjamin nos mostra a possibilidade de olhar a história no presente vivido nos abrindo caminho para a investigação das lutas, das contradições sociais e das resistências instaladas no diálogo permanente entre passado e presente. Sendo assim, olhamos a história como uma obra em aberto em pleno movimento.

Galzerani nos apresenta uma memória que surge tecida por pessoas mais inteiras, portadoras de sensibilidades, que se apresentam ao tempo, afirmando suas próprias singularidades, constituída muitas vezes na relação conflituosa com os outros sociais, permitindo a (re) constituição de suas vidas, na articulação com a memória coletiva. Essa viagem temporal proporciona a percepção do entrelaçamento não só dos tempos distintos, como do presente e do passado, mas também de espaços diferentes, sobretudo, de visões de mundo plurais, sendo essas visões do próprio sujeito tecelão de memórias. (Galzerani, 2004)

Ainda assim, Galzerani destaca o olhar poético do filósofo berlinense:

Para o autor, que recorda, o principal não é o que ele viveu, mas o tecer de sua recordação, o trabalho de Penélope da rememoração”. (Benjamin, 1985; apud Galzerani 2004)

Segundo a autora “rememorar para Benjamin é um ato político, com potencialidades de produzir um “despertar” dos sonhos, das fantasmagorias, para a construção das utopias. Despertar que possibilita trazer imagens do passado vivido, como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais, como uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos, sobretudo, no presente.”

A partir disso, Benjamin articula memória à narrativa, sendo essa última à experiência, que segundo o autor tende a desaparecer com a modernidade, concebendo essa como transmissão de saberes entre as gerações, fundada na circulação coletiva de tradições, de sensibilidades, na acepção plural de verdade, na relação íntima do narrado com o vivido. Segundo Galzerani (2004) a narrativa não existe sem a memória, não existe sem sua vinculação com as dobras do tempo. Por sua vez, a recuperação da memória benjaminiana, pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações.

Recorrendo a obra *Infância em Berlim por volta de 1900*, o autor traz grandes contribuições aos pesquisadores da temática infância, que através da sua experiência reflexiva oferece-nos sua trajetória rememorativa, rechaçando as acepções de infância desde de Platão até os dias atuais, trazendo à tona um novo olhar sobre a infância.

Rememorando sua infância retoma essa olhando pelo crivo do adulto e intelectual, reconstruindo historicamente o seu perfil de criança. “Tecendo

relações entre diferentes dimensões espaços-temporais e culturais, para oferecer historicamente um quadro social mais amplo sem abrir mão da sua própria singularidade” (Benjamin, 1987; apud GALZERANI, 2002).

Também, podemos encontrar obras como de Almeida (2006), que nos chama atenção para a (in) visibilidade da infância na sociedade adulta contemporânea, na qual a criança é considerada como incapaz de agir por si só, sendo-lhe vetada participação social, com o argumento que essas precisam ser protegidas, sobretudo, retomando a velha teoria de que as crianças são seres humanos em miniatura, desprovidos de especificidades e originalidade própria.

Ariès (1981) em seu livro trabalha a história da infância em torno do século XVI, chamando atenção para a mudança fundamental no estatuto da infância no mundo ocidental; a criança passa a não ser concebida como um adulto em miniatura. Com o surgimento da família nuclear burguesa a criança é concebida e tratada como um ser dotado de identidade própria, requerendo cuidados e atenção especiais. Entre esses cuidados destaca-se a construção e valorização de um espaço específico para a aprendizagem da criança, a escola.

Almeida (2006) por sua vez, parte do paradigma do pensador Walter Benjamin, cujo materialismo evoca a categoria da infância desvinculada de uma visão complacente; portanto, a autora busca uma reflexão crítica sobre a infância; assim, questiona a visão idealizada da infância como um período livre das asperezas do mundo.

Benjamin no livro *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação* faz uma análise da memória dos brinquedos e do brincar, como também uma

análise histórica apontando para a crescente massificação do brinquedo e do brincar socialmente. Vemos que o apagamento da singularidade com a plastificação dos brinquedos, diz respeito à era social própria do capitalismo revelando seus contornos, inclusive no campo da infância.

Segundo Meira (2003) o brinquedo evoca as formações sociais revelando em suas configurações os traços da cultura em que se insere; sobretudo, a infância contemporânea apresenta traços que nos provocam reflexões acerca daquilo que se encontra apagado no brincar atualmente; sobretudo o excesso de estímulos que o mundo dos adultos proporciona ao mundo infantil, faz com que as crianças deixem cada vez mais o brincar para segundo plano, passando a valorizar várias atividades, que focam a sua futura formação.

Além disso, Benjamin realizou vários escritos sobre o brinquedo e os livros infantis onde registra sua história e configurações ao longo do desenvolvimento industrial e pós-industrial, nos remetendo a museus de brinquedos, onde podemos encontrar alguns brinquedos clássicos, como a boneca de porcelana e os soldadinhos de chumbo, na época já em processo de esquecimento.

Temos também os trabalhos de Brougère (1995) que no livro **Brinquedo e Cultura**, nos mostra que

a brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá uma significação. A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ela existe num dado momento, mas com todo seu peso histórico.(Brougère 1995, p. 76 e 77)

Brougère trabalha com os brinquedos de guerra nos trazendo contribuições, na medida em que nos mostra que, é na brincadeira que a criança confronta-se com a cultura, reproduzindo-a e transformando-a.

Dessa forma, voltando para minhas experiências de infância, notei como a brincadeira era uma forma de transformar minha realidade, de fugir dessa também. Benjamin em "Esconderijos" nos mostra como o brincar em si, representa uma forma de resistência às práticas culturais cotidianas; sendo assim a criança questiona o distanciamento das relações sociais nas brincadeiras, quando se relaciona com os objetos como, por exemplo, quando experimenta ser uma porta.

Outrossim, observamos a questão do afastamento e distanciamento do adulto das experiências de brincadeira nos trabalhos de Áries, pois, o brincar e a utilização dos brinquedos pelos adultos como uma atividade coletiva, ou seja, uma forma de sociabilidade e interação entre adultos e crianças, são deixados de lado com o avanço do sistema capitalista, da industrialização e do modelo burguês de família. O adulto passa a se preocupar com o desenvolvimento do seu capital, assim, o tempo que era destinado ao brincar, é substituído pelo trabalho, pois o tempo é dinheiro, é lucro, contrário ao tempo anterior, considerado como vida, como prazer.

Logo, vemos a possibilidade de trazer à luz as mudanças e permanências nas experiências de brincadeiras; assim, E. P. Thompson (1981) nos traz a possibilidade de olhar uma história viva e ativa, despertando-nos para os movimentos de mudanças, permanências, resistências, lutas e contradições nas experiências sociais situadas; sobretudo, no final do século XVIII aos nossos dias, particularmente na Inglaterra.

Ainda para justificar o meu trabalho é importante dizer que existem outros trabalhos na própria Faculdade de Educação em nível de TCC relativas a essa temática ou temáticas próximas, como o trabalho Prezotto (1999) sobre “Brincadeiras infantis e adultas”, enfocando a influência da cultura indígena e africana nas brincadeiras; e o trabalho de Santis (1998) sobre “Infância: tempo de brincar?” enfocando a história das brincadeiras, sobre um olhar europeu, tendo como bibliografia básica às obras de Áries e outros.

Ademais, foi possível encontrar duas dissertações de mestrado, como a de Ferreira (2002), que realizou uma investigação sobre o brinquedo, olhando esse como importante recurso material empregado na atividade lúdica, assim, observou as suas implicações na formação da criança. Temos também o trabalho de Souza (1998), sua dissertação tem como mote principal conhecer e compreender as brincadeiras entre crianças de diferentes idades, que interagem em lugares públicos como ruas e praças, bem como em lugares privados como fazenda, terrenos baldios e chácaras em um bairro do distrito de Barão Geraldo, na cidade de Campinas/SP, assim, olha questão do brincar a partir de um referencial teórico antropológico.

Entretanto, o presente trabalho potencializa o diálogo com o universo sócio-cultural da pesquisa, buscando compreender as culturas do brincar como espaços de história e de memória, situadas na contemporaneidade, olhando as culturas do brincar através de referenciais teóricos benjaminianos e thompsonianos.

No que diz respeito à metodologia a pesquisa trabalha com as brincadeiras infantis situadas na contemporaneidade, no município de

Hortolândia/SP no bairro Jardim Sumarézinho na escola EMEF Jardim Sumarézinho.

Sobretudo, a pesquisa busca trabalhar esse tema das brincadeiras infantis enquanto produções históricas enraizadas nas relações sócio-culturais, relações essas historicamente datadas; ainda brincadeiras compreendidas como práticas culturais que se relacionam com outras práticas culturais tanto do mundo da infância quanto do mundo dos adultos. Mundos das crianças e mundo dos adultos, esses que devem ser sempre compreendidos na pluralidade das suas experiências e na tensão ou mesmo no conflito entre diferentes classes sociais, entre diferentes óticas situadas na questão de gênero ou em outros lugares sócio-culturais.

Para colocar em prática tal metodologia que se apóia em Benjamin, Thompson, Áries, e outros, recorri ao trabalho de observação participante dos recreios das crianças de 6 a 10 de idade, no que corresponde as séries iniciais do Ensino Fundamental; em busca de observar com quem as crianças brincam, com que instrumentos, em que lugares e tempos, para isso contarei com o registro no caderno de campo e material fotográfico. Também foi preciso utilizar à metodologia de entrevistas semi estruturadas com os alunos, como também foi requisitado a produção de desenhos para os alunos, onde esses pudessem relatar as suas experiências e memórias de brincadeiras através de uma linguagem mais lúdica. Ademais utilizamos a metodologia de aplicação de questionários a serem respondidos pelos profissionais da educação fundamental, facilitando o desenvolvimento da pesquisa e visando à participação efetiva dos mesmos.

A partir do referencial teórico e metodológico explicitado, a pesquisa busca trazer à luz as experiências de infâncias relativas às brincadeiras, olhando para os movimentos de mudanças, permanências e principalmente os movimentos de resistência cultural, trazendo à tona o mundo infantil versus o mundo adulto, assim como, observando como o capitalismo agiu de forma voraz, produzindo o afastamento dos adultos das brincadeiras infantis, de maneira a tornar o brincar apenas como um momento, um instante de “lazer”, de “descanso”, de “descompromisso”; transformando essa experiência essencialmente humana, em experiência maquínica, controlada e regrada; sobretudo vemos como o próprio capitalismo concebe o brincar como espaço de formação de seres autômatos, passivos e condizentes com as lógicas capitalistas e tecnológicas.

Por fim, a monografia esta organizada em seis capítulos. O primeiro traz a explicitação da abordagem teórica à cerca do tema a ser tratado; o segundo versa sobre os entrecaminhos da história do brincar em uma perspectiva de longa duração; o terceiro traz à luz algumas questões sobre a modernidade capitalista e as suas relações com o brincar; o quarto capítulo diz respeito aos encontros e descobertas da pesquisa; o quinto capítulo traz à tona as potencialidades do conceito de resistência, buscando inspiração para a produção de conhecimento sobre as práticas do brincar; e o sexto capítulo traz as considerações finais da pesquisa.

É legal, muito, sonho, crio. Quando viro a minha bicicleta para baixo eu vejo um barco, brincar é isso.

É muito legal, porque invento e crio brinquedos e brincadeiras. Eu gosto de inventar brincadeiras, porque quem inventa é o chefe¹.

Capítulo I

Tecendo fios bibliográficos

Benjamin enfatiza que “demorou muito tempo até que se desse conta de que as crianças não são homens ou mulheres de dimensões reduzidas” (BENJAMIN, 1984).

Imagens de criança

Para iniciarmos a nossa viagem no tempo, devemos primeiramente compreender como foi sendo tecida e (re) tecida a história da infância e da brincadeira numa perspectiva de longa duração; para isso, vamos observar que a infância foi sendo constituída como alvo de saberes e poderes, sendo assim, modificada e configurada como categoria social ao longo do tempo.

Sobretudo, para compreender as imagens de infâncias e brincadeiras historicamente construídas, foi necessário percorrer alguns estudos, como de: filósofos, sociólogos, psicólogos, historiadores e educadores, que focalizam tais imagens, trazendo contribuições essas instigantes para a produção desse trabalho acadêmico.

Quando olhamos as produções sobre a infância, vemos que várias linhas confluem, tais como políticas, econômicas, jurídicas, médicas, sanitárias, religiosas e educacionais; é nesse tecer de fios que as produções sobre a infância se encontram com a linha do brincar e do brinquedo, cujas histórias se juntam com as histórias das crianças a partir do século XVIII. Sobretudo, as imagens de criança e de infância na contemporaneidade vêm sendo

¹ Frase de crianças entrevistadas sobre a questão: o que significar brincar?

produzidas e configuradas como algo que deve ser preservado das ameaças, mas, ao mesmo tempo, também passa a ser algo ameaçador.

Segundo Abramowicz (2003)

a história da criança e da infância sempre foi construída "sobre a criança" e não "com a criança", na medida que ela não tem fala considerada como legítima na ordem discursiva, é sempre vista como infantil, destituída de razão. Essa história é carregada de abandono, violência, morte, desqualificação, uma história na qual o mundo adulto se arroga o direito de bater nas crianças. (p.16)

Quando nos voltamos para as pesquisas sobre as infâncias, nos deparamos com uma possível dificuldade, na qual alguns teóricos questionam a ausência de registros produzidos pelas próprias crianças; afinal elas não deixaram e não deixam testemunhos escritos pessoais ou coletivos. Assim, esses mesmos teóricos chegam a denominar as crianças como os "grandes mudos da história", pois só se pode conhecer a história da infância através de traços indiretos, ou seja, do ponto de vista dos adultos, que, nas diferentes épocas deixaram registros sobre o que pensavam e como tratavam a infância.

Diante dessa dificuldade os pesquisadores dessa temática têm utilizado diversos tipos de tais fontes como os objetos cotidianos ou traços deixados pelos meninos e meninas, como brinquedos, vestimentas, correspondências, e registros sobre jogos e brincadeiras; tais fontes auxiliam os historiadores a compreender como era a vida das crianças em outras épocas.

A ausência de traços legados pelas crianças deve ser tributada à representação que cada sociedade faz dessa criança, na medida em que a considera como sujeito e produtor de cultura. Entretanto, não se pode dizer que os objetos ou os sujeitos da pesquisa estejam mudos. O que acontece, muitas

vezes, não é que a criança seja um objeto de pesquisa mudo, mas a sociedade que a cerca é que é surda. (Abramowicz, 2003,p. 65)

Segundo Marcelino (1986), a questão da criança tem cada vez mais se caracterizado por abstrações que idealizam essa faixa etária, como portadora de algumas peculiaridades.

Áries no exame das relações históricas, no caso a infância e a sociedade, parte do estado social em que as crianças e os adultos se confundiam entres jogos e brincadeiras. A contribuição do autor para a história dos jogos e brincadeiras mostra como estas eram praticadas sem distinção de idade ou classe social; assim, nos mostra que com o surgimento do sentimento de infância "a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso..."(Ariès, 1981)

Almeida (2006), por sua vez, no dialogo com o pensador Walter Benjamin, evoca uma categoria de infância desvinculada de uma visão complacente. Assim, questiona a visão idealizada da infância como um período livre das asperezas do mundo, permitindo a justificativa da necessidade de uma análise mais crítica e apurada sobre a infância, na qualidade de categoria social.

A autora levanta a tese de que a (in) visibilidade da infância na sociedade adulta contemporânea aponta para a complexa natureza de sua condição social. Neste sentido, a criança é muitas vezes, vetada de possibilidade de participação social efetiva sob o argumento de que necessita de proteção, de que é incapaz de agir por si própria, o que evidencia um pensamento paternalista, na relação com a velha teoria que concebe a criança

como “homúnculo”, ou seres humanos em miniatura, desprovidos de especificidade própria e originalidade.

Tal teoria retira da criança o “estatuto de atores sociais” Benjamin contenda que “demorou muito tempo até que se desse conta de que as crianças não são homens ou mulheres de dimensões reduzidas. (Benjamin, 1984, p. 64)

Em “Infância em Berlim por volta de 1900” Benjamin nos mostra uma criança capaz de (re) significar suas experiências vividas, sua realidade, ou seja, capaz de produzir histórias, culturas e memórias; e ao rememorar vários espaços e diferentes visões de mundos e sensibilidades, o adulto pode aproximar-se de algumas experiências infantis (re) significando-as, entrecruzando vários tempos. Contudo, o filósofo berlinense não idealiza a criança, sobretudo, traz a criança como pessoa inteira, que tem dimensões contraditórias entre si, conscientes e inconscientes, ou seja, olha a criança como sujeito ativo na história.

Segundo Marcelino (1986) a questão da criança tem cada vez mais se caracterizado por abstrações que idealizam essa faixa etária, como portadora de algumas peculiaridades. Contudo, nos mostra como é fácil compreender a desvalorização da criança socialmente enquanto criança, pois as classes privilegiadas buscam na criança a chamada “prontidão” para a aprendizagem, o mais precocemente. Assim, a socialização das crianças predestinadas ao sucesso começa cada vez mais cedo; o mais importante é manter as crianças ocupadas, o que significa administrar seu tempo.

Todavia, a criança enquanto produtora de cultura necessita de espaço para sua criação; muitas vezes as crianças são impossibilitadas de criar,

tornando-se consumidoras da produção cultural para crianças, como forma de compensação. Porém, "por melhor que seja a produção cultural, não substitui a criação da cultura; de modo particular, na infância a situação fica ainda mais grave, quando se examina a qualidade dos "produtos disponíveis no mercado". (Marcelino,1986,p.94)

Assim, Marcelino conclui que a sociedade adentra as crianças para um determinado tipo de caráter social exigido; sendo assim, o uso do tempo na infância varia de acordo com o momento histórico, as classes sociais e os sexos. Entretanto, observamos que não existe uma única criança, mas várias crianças, com repertórios variados de acordo com as experiências vivenciadas.

Meira (2003) trabalhando com a questão do brincar versus tempo nos diz: "suspender o tempo e brincar é hoje um ato de extremo desafio que as crianças tem de enfrentar frente à avassaladora rede de aparelhos virtuais que invadem sua vida, anestesiando seus movimentos corporais e seu pensamento".(p.77) O maior desafio vivido pelas crianças, atualmente, é encontrar um espaço e um tempo para brincar, para viver sua infância.

A autora trabalha com a questão do avanço dos games e dos jogos virtuais, e nos mostra como esses não apresentam a mesma dimensão simbólica de uma brincadeira com carrinhos e bonecas, pois prescindem da presença do outro, e da materialidade dos brinquedos. Esses jogos são formas pelas quais as crianças encontram para falar e denunciar o universo que os cerca, no entanto; esses jogos resultam no apagamento do tecido social que se construiria em presença.

Vygostky (1984) nos mostra que o brincar ocorre preferivelmente na relação com o outro social, sendo esse criança ou adulto, apontado a

importância da participação do outro social na atividade lúdica. Podemos observar no decorrer da história como o brincar vem sendo marcado pela participação do outro social; como podemos notar nas brincadeiras coletivas entre adultos e crianças no século XIV.

Para Meira as crianças olham o mundo por essa dimensão que o adulto não tem, marcando o mundo com as suas perguntas, observando suas falhas, enxergando o invisível e o inaudito; portanto, transformam objetos minúsculos em fantasias, em brincadeiras que se estenderiam por horas a fio, se não fossem interrompidas pelas exigências de desempenho, as quais o sistema capitalista cobra e valoriza

Brincar e brinquedo

Para iniciarmos essa viagem pelo universo da brincadeira vamos primeiramente apresentar alguns estudos de Florestan Fernandes sobre a cultura infantil. Para o autor, existe uma "a cultura infantil cujo suporte consiste nos grupos infantis, em que as crianças adquirem, em interação, os diversos elementos do "folclore" (...) cultura infantil." (Fernandes, 1971,p.172)

Entretanto, logo questionamos de onde vêm estes elementos da cultura infantil e o autor nos esclarece que esses provêm da cultura dos adultos. Porém, novamente nos indagamos como seria esse mecanismo e Florestan nos mostra que tais elementos da cultura adulta são incorporados à cultura infantil, por um processo de aceitação e nela mantidos com o correr do tempo.

Sendo assim, nesse mecanismo de incorporação, as crianças asseguram a continuidade tradicional, através dos elementos da sua cultura. Ao mesmo tempo, Florestan nos mostra que nem tudo na cultura infantil é

incorporado da cultura adulta; as crianças também elaboram parte dos elementos de seu patrimônio cultural; muitos desses elementos foram estruturados através da interação com os adultos.

Florestan observa, nos seus estudos, que muitos estudiosos sobre a criança e o brincar consideram que as crianças simplesmente copiam os atos dos adultos; porém, esse, por sua vez, nota que a criança não imita o pai ou a mãe, mas executa as funções que lhes são atribuídas por sua posição e pelos seus papéis sociais, segundo a padronização da cultura.

Outrossim, podemos observar como as crianças na mais tenra idade criam, atuam, participam, recriam, agem, interferem, imaginam; assim como um aprendiz, a criança atribui significados por meio do brinquedo. Sendo assim, ainda bebê a criança brinca, aventura-se no mundo dos adultos, tentando desvendá-lo e descobri-lo; a criança vai reagindo com os sons, gestos, entonações e toques, movimentos e vibrações, advindos dos adultos, sendo essas para as crianças simples formas de brincar.

Tudo começa com os primeiros contatos com o corpo da mãe; mesmo, ainda, sem conhecer o próprio corpo, inicia sua primeira brincadeira no ato de mamar, pois, em contato com o seio materno ao mesmo tempo em que se alimenta também brinca, através do prazer e pela descoberta da vida que o cerca.

Segundo Côrte Vitória (2003), a criança mamando descobre o próprio corpo e com ele brinca, de segurar o pé, de colocar o mesmo na boca, de brincar com as mãos e os dedos, colocando na boca; assim, começa a observar as mãos e tatear o que está ao seu alcance, na busca de pegar com as mãos e logo levar o objeto até a boca; é assim que a criança desenvolve

diferentes e variados sentidos, nesse processo de descoberta, que a estimula e impulsiona à novas descobertas.

Nesse sentido, "mal entra na vida", ela é seu próprio brinquedo, caça e caçador, sujeito e objeto de experiências, que farão parte da construção de sua história pessoal. (Côrte Vitória, 2003, p.30)

Podemos observar, através dos estudos de Altman (2000), como algumas tribos indígenas ainda produzem seus próprios brinquedos; as mães fazem brinquedos de barro imitando animais, vemos também as meninas da tribo Carajás que fazem as próprias bonecas de barro, com grandes nádegas e grandes seios, tentando imitar a mulher adulta. Tais bonecas são adornadas com colares de sementes, conchas de caracol e outros elementos. Sendo assim, a criança através da representação interage com o adulto e com os objetos que a cerca.

É nesse ato de representar a vida cotidiana, por meio do brinquedo, que a criança expressa seus entendimentos do universo adulto, exteriorizando-o de forma natural, espontânea e inequívoca, mas, também, desvelando a cultura de uma época, os valores que a sustentam, os costumes que a caracterizam e as manifestações artístico-religiosas de que se revestem. (Côrte Vitória, 2003; apud Altman, 2000,p.32)

Segundo Côrte Vitória, o brinquedo constitui boa parte da trama de conhecimentos e projeções de cultura de que nossa história se reveste; sendo assim, o brinquedo representa cultura, como também é um meio de produção cultural. Ademais, destaca que

cada contexto social cria uma cultura a partir da qual emergem os conceitos sobre infância, sentimentos de infância e, por via de consequência, sobre o brinquedo e suas respectivas manifestações ... os brinquedos e brincadeiras infantis estão intrinsecamente ligados ao meio cultural e ao momento histórico da comunidade em que se inserem. (Côrte Vitória, 2003, p.36 e 37)

Para Oliveira (1986),

o brinquedo produzido na sociedade capitalista procura seduzir tanto os filhos quanto os pais. Os primeiros, para se sentirem atraídos; os segundos, para que adquiram os brinquedos para os filhos. Nesse tipo de sociedade, a criança se configura como um consumidor potencial, enquanto o adulto é o meio pelo qual o empresário consegue comercializar a mercadoria; há, portanto, que se seduzir os dois! (Côrte Vitória, 2003; apud Oliveira, 1986,p.38)

Contudo, na sociedade capitalista contemporânea, o brinquedo assume características que traduzem as novas demandas sócio-culturais, como exemplo, a eficiência tecnológica; sobretudo, traduzindo essa nova faceta cultural, tal demanda, apresenta cada vez mais componentes eletro-eletrônicos, tendo como objetivo introduzir e familiarizar a criança que brinca com as novas tecnologias, adequando-a desde tenra idade, ao mundo marcado pela informatização, pela produtividade e eficiência.

Segundo Bujes (1998) o brinquedo e a brincadeira tornam-se cada vez mais um espaço no qual diferentes interesses sociais, econômicos e políticos se misturam e lutam pelo controle e pela determinação de significados, o que retira dessas práticas qualquer eventual intenção de neutralidade.

Os brinquedos, enquanto elementos da vida social que se configuram com determinados sentidos para as crianças, oferecem oportunidades para que elas percebam a si e aos outros como sujeitos que fazem parte do mundo social, e acabam por se constituir em estratégias através das quais os diferentes grupos sociais usam a representação para fixar a sua identidade e a dos outros. (Corte Vitória, 2003; apud Bujes, 1998, p.227)

Segundo Meira, o brinquedo evoca as formações sociais, revelando em suas configurações os traços da cultura em que se insere; sobretudo, a infância contemporânea apresenta traços que nos leva a refletir acerca daquilo que se encontra apagado no brincar atualmente.

A autora nos mostra que a história do brinquedo é marcada pelo avanço do capitalismo; contudo, a memória do brincar encontra-se apagada pelo excesso de estímulos oferecidos pelo ritmo veloz e instantâneo desse sistema, onde a singularidade é fragmentada pela multiplicidade. Benjamin aponta que os brinquedos expressam transformações sociais, constituindo-se brinquedos em série.

De Santis (1998) traz algumas reflexões de Silva sobre a questão da relação do brincar com o avanço do sistema capitalista; assim, essa faz uma relação entre o brincar e a lógica da produção na sociedade capitalista, mostrando-nos que o lúdico não se submete à lógica capitalista, por causa do seu caráter de liberdade e de subversão da ordem.

No diálogo com De Santis (1998), podemos encontrar nas obras de Zilberman (1990) a relação entre o brincar e o capitalismo. Assim, o autor nos traz um dado novo para reflexão, nos mostrando que o lúdico se distingue do lazer, sobretudo, porque nossa sociedade permite o momento do lazer, do não-trabalho, isto é, do ócio, mas não a oportunidade de vivermos o aspecto lúdico, a brincadeira, a criação. Por isso, que o tempo do lúdico não pode ser jamais o tempo da produção capitalista, pois, o primeiro identifica-se com a criança, o segundo com o adulto.

Para Johan Huizinga, a ligação lúdico/jogo e a cultura é estabelecida de uma perspectiva social: "A cultura surge sob a forma de jogo (...) em suas fases mais primitivas a cultura possui um caráter lúdico, (...) ela se processa segundo as formas e no ambiente do jogo. (Zilberman, 1990; apud De Santis, 1998)

Ademais, Carvalho (1996) nos traz grandes contribuições sobre a infância e a brincadeira, dizendo que :

O brincar da criança não gera lucro, no entanto, proporciona prazer e alegria, coisas esquecidos por grande parte dos adultos envolvidos em seu cotidiano, preocupados em sobreviver, e que através da escola querem fazer com que a criança também as esqueça" (CARVALHO, 1996, p. 301)

Como nossa sociedade é baseada na atividade produtiva, no trabalho e no lucro capitalista a autora diz:

No mundo do trabalho não há espaço para o brincar, considerando que este nada tem de produtivo na forma que preconiza o capital. O mundo do trabalho adquiriu dimensões onde não há espaço para o homem manifestar sua ludicidade. Valoriza-se a produção em detrimento do processo de humanização" (CARVALHO, 1996, 301)

O filósofo berlinense nas suas obras evoca especificamente uma categoria de infância, uma cultura da criança e uma cultura do brincar, nos motivando a questionar e a fazer uma reflexão questionadora sobre a infância. Segundo Almeida, o fascínio de Benjamin pelo brincar decorre da sua percepção de que a essência da brincadeira reside na inovação do *"fazer de novo"*.(BENJAMIN, 1984; apud ALMEIDA, 2006).

Podemos observar nos textos produzidos por este autor berlinense como o olhar sensível de Benjamin sobre as crianças considera o brincar como um locus de (re) significação de experiências, um espaço onde a criança pode ousar ter outras experiências, isto é, experiências vividas. Podemos entender o brincar através de Benjamin, como um espaço onde as crianças tem condições e capacidade de lutar contra os seus "demônios", entendendo-os como o próprio capitalismo.

As crianças nos trazem pistas das suas histórias de brincadeiras e infâncias, o que nos suscita a pensar que essas, na busca do brincar e do

prazer, como nos alerta Benjamin, (BENJAMIN, 1984; apud ALMEIDA, 2006), produzem cultura.

Outrossim, destacamos Brougère (1995) que trabalha com os brinquedos de guerra, mostrando-nos que através das brincadeiras de guerra, as crianças se confrontam com uma parte da cultura humana, pois é na brincadeira que a criança busca recursos no ambiente que a cerca. O autor nos traz contribuições, na medida em que também mostra que na brincadeira a criança confronta-se com a cultura, reproduzindo-a e transformando-a.

Por fim, foi possível tecer alguns fios em relação à pesquisa bibliográfica realizada. Sobretudo, foi imprescindível conhecer as produções psico-pedagógicas que discutem e questionam a relação da infância e da brincadeira, pois, proporcionaram-me subsídios instigantes para questionar as culturas do brincar ora focalizadas.

Tecer fios: o brincar na educação.

Para pensarmos a relação do brincar com a educação, buscamos trazer à luz algumas idéias da abordagem histórico-cultural, destacando os estudos de Vygotsky sobre a atividade lúdica.

Vemos a atividade lúdica como uma forma de apropriação do mundo real e constituição do sujeito histórico-cultural. Segundo Vygotsky (1988) o brincar cria uma zona de desenvolvimento proximal, sendo esse um espaço de emergência de novas formas de entendimento do real; sobretudo, um espaço de desenvolvimento.

Na atividade lúdica a criança torna-se aquilo que ainda não é, age com objetos que substituem aqueles que ainda lhe são vetados, interage segundo

padrões que se mantêm distantes do que é determinado pelo lugar que, na realidade, ocupa em seu espaço social.

A ação na atividade lúdica possibilita à criança a liberdade diante ao real, podendo transgredir os limites dados pelo seu desenvolvimento real, criando uma instância de desenvolvimento proximal.

A partir disso, podemos destacar o processo de mediação, sendo esse a intervenção que ocorre entre o indivíduo e o mundo, a mediação social é a participação do outro no processo de desenvolvimento. Vemos que na atividade lúdica a mediação social torna acessíveis os objetos lúdicos a criança; sobretudo, possibilitando a mediação instrumental, na medida que, a criança se apropria dos instrumentos culturais produzidos historicamente e socialmente.

Para Vygotsky a atividade lúdica é o mais alto desenvolvimento infantil. "A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade do brinquedo. (Vygotsky, 1988, p. 117)

Segundo Leontiev a motivação da atividade lúdica é diferente; Vygotsky observa que a criança não tem consciência da motivação do brinquedo, pois a motivação do brinquedo está no processo, não no resultado, diferenciado o brincar do trabalho, sobretudo por que a motivação do trabalho está no processo que esse proporciona.

*Brincar, na minha opinião significa diversão, criação, imaginação,
sonho. Liberar o sentimento de forma lúdica e criativa.*

*Brincar é soltar a imaginação, é ser feliz, é fazer de qualquer pedaço
de madeira um carrinho, de uma espiga de milho uma boneca².*

Capítulo II

Os entrecaminhos da história do brincar (na longa duração)

Para darmos início a nossa viagem pela história do brincar numa perspectiva de longa duração, iremos da História, da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia. Sobretudo, para tal tessitura foi imprescindível recorrer as obras do historiador Philippe Áries (1981) e Walter Benjamin (1984 e 2002), partindo da abordagem histórico-cultural que iremos observar a dimensão filogenética e ontogenética da atividade lúdica.

Elkonin (1998), através de estudos antropológicos mostra que o aparecimento e o desenvolvimento do jogo de faz-de-conta estão intimamente ligados às transformações dos instrumentos de trabalho e das relações de trabalho, gerando o afastamento da criança das atividades produtivas e a sua inserção nas mesmas. O surgimento da atividade lúdica está relacionado às alterações históricas no momento em que os instrumentos de trabalho modificam-se, ou seja, tornam-se mais complexos, dando início à produção de objetos específicos para a atividade lúdica, portanto objetivando o aparecimento dessa nova atividade humana.

As relações entre instrumentos de trabalho e objetos de brincar tornam-se cada vez mais indiretos. A trajetória da transformação dos objetos lúdicos inicia-se primeiramente quando esses tornam-se cópias dos objetos de trabalho utilizados pelo homem, através da redução do tamanho. O distanciamento entre os objetos de trabalho e os objetos feitos para o trabalho

² Frase das professoras sobre a questão: o que significar brincar?

e objetos lúdicos aumenta quando constituem-se duas categorias distintas, objetos feitos para o trabalho e objetos feitos para brincar, na medida que esses últimos tornam-se cada vez mais simbólicos.

Segundo Rocha (1994), na dimensão ontogenética no que se refere a abordagem histórico-cultural do brincar, podemos observar o desenvolvimento do brincar relacionado com a aquisição da criança nas áreas como: maturidade visual, controle das mãos, coordenação entre as ações.

Para Leontiev (1989) a atividade lúdica é a principal atividade da criança, de acordo com as condições histórico-culturais da contemporaneidade. O brincar possui os mesmos elementos das outras atividades humanas, ação e operação. Porém, na atividade lúdica os objetos de operação nem sempre são iguais aos objetos de ação, pois, os objetos de operação são concretos, utilizados como substitutivos dos objetos reais.

Ariès (1981) na busca de investigar os jogos e brincadeiras das crianças do século XVII e XVIII utiliza-se do diário do médico Heroard, que registrou todo o desenvolvimento físico, mental e intelectual, do menino Delfim de França, o futuro Luís XIII, como também faz um minucioso registro dos feitos e gestos do menino.

Podemos observar através dos registros que, Delfim quando ainda bebê brincava com alguns instrumentos como o cavalo de pau, o catavento e o pião. Aos dois anos e sete meses ganhou uma carruagem cheia de bonecas. Gostava de brincar com brinquedinhos e com um pequeno gabinete alemão (miniatura de madeira, fabricadas pelos artesões de Nurembergue). Assim que foi crescendo e se desenvolvendo foi aperfeiçoando as suas brincadeiras e os instrumentos das mesmas. Gostava de brincar na companhia dos soldados, no

qual ele mesmo conduzia as ações militares, também brincava de bater palmas e esconder. Ademais, Delfim brincava com arcos, jogava cartas, xadrez, malha, péla, jogos de exercício, jogos de ofícios, jogo de salão, jogo de mímica que consistia em adivinhar as profissões e as histórias que eram apresentadas por mímicas, participava de jogos de adultos, como o jogo de raquete e inúmeros jogos de salão, sendo essas também brincadeiras de adolescentes e adultos.

Ariès observa que cada vez mais Delfim se misturava com os adultos e assistia aos seus espetáculos. Com o avançar da idade da criança as coisas mudavam, pois quando esses se aproximam do sétimo aniversário abandonam o traje de infância, e sua educação é entregue aos cuidados dos homens, assim tentam fazer esses abandonar os brinquedos da primeira infância, principalmente as brincadeiras com bonecas. "Não deveis mais brincar com esses brinquedinhos (os brinquedos alemães), nem brincar de carreteiro: agora sois um menino grande, não sois mais uma criança." Assim, as crianças começam a aprender a montar cavalo, a atirar e a caçar.

O autor relata que no início do século XVII não existia separação rigorosa como atualmente entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e os reservados aos adultos, pois, adultos e crianças compartilhavam das mesmas brincadeiras, jogos e festas.

A partir do século XV surgem as pinturas iconográficas de crianças, trazendo essas brincando, assim, podemos observar o aparecimento de alguns instrumentos de brincar como o cavalo de pau, o catavento, o pássaro preso por um cordão, e muito raramente o uso de bonecas.

Importante destacar que, a partir do momento que observamos que a criança pequena convive, interage e se socializam com os adultos, esses

passam a (re) significar nas suas brincadeiras as experiências compartilhadas com os adultos. A partir disso, observamos como eram freqüentes as crianças brincarem com o cavalo de pau, pois o cavalo era nesse momento histórico o principal meio de transporte e de tração utilizado pelos adultos.

Áries nos mostra como o balanço, um instrumento de brincadeira muito retratado nas iconografias dos jogos e brincadeiras no século XVIII, surgiu nos ritos de uma festa prevista no calendário, chamada as Aiora, festa da juventude, no qual os meninos pulavam os odres cheios de vinhos e as meninas eram empurradas em balanços.

Vemos como era comum a relação existente entre as cerimônias religiosas comunitárias e as brincadeiras que compunham seu rito essencial, com o passar do tempo a brincadeira se libertou do seu caráter religioso e comunitário, tornando-se, ao mesmo tempo profana e individual.

No caso das bonecas e brinquedos em miniatura vemos que esses não eram utilizados apenas pelas crianças, mas também pelos adultos e pelos mortos, pois estes eram objetos de cultos domésticos e funerários, como também eram importante instrumento para feiticeiros e bruxos, na Idade Média.

Segundo Sousa (1998), oficialmente tudo começou há cerca de 2000 anos antes de Cristo, no Egito Antigo, durante a época do Médio Império. Os objetos em miniatura, chamados de urhabtis, imitavam a imagem do ser humano e tinham a incumbência de acompanhar os faraós na incursão ao mundo dos mortos. Para substituírem parentes e escravos que antes eram enterrados vivos com seus reis, essas bonecas passaram a serem confeccionadas em grande quantidade. Sua origem não está ligada à criança. Por se tratar de totens com poder de vida e morte sobre as pessoas, eram de

exclusividade dos sacerdotes, feiticeiros e curandeiros. Vemos que o mundo das bonecas tem sido, até hoje, o ninho predileto da magia, da fantasia, da arte e da religiosidade. O registro dos colecionadores constata que as bonecas sempre estiveram e estão presentes em todas as civilizações.

Sendo assim, o brinquedo na antiguidade fazia parte de rituais comemorativos de festas e/ou religião, onde a criança tinha acesso, pois lhe cabia também um papel nestes eventos.

Os registros que se têm de objetos em miniatura imitativos da realidade, são da Grécia Antiga, onde as crianças construíam uma andorinha de madeira que girava em torno de um eixo, todas enfeitadas de flores, que levavam de casa em casa para receberem presentes. A reprodução do pássaro não era um brinquedo individualizado e sim um objeto que fazia parte de uma festa coletiva ocorrida nos primeiros dias de março, portanto uma festa sazonal e cultural.

A bola, o arco, a roda de penas e os papagaios são brinquedos antigos e arcaicos que tiveram sua origem nos cultos religiosos. O chocalho, que hoje em dia é dado ao bebê para estimular o sentido da audição, na antiguidade era um instrumento de defesa contra os maus espíritos. Outra prática comum era depositar nos túmulos cópias de objetos familiares como forma de homenagem, por exemplo, as bonecas urhabtis. Diante desse quadro, percebe-se que o brinquedo fazia parte de uma relação estreita entre a cerimônia religiosa comunitária e a brincadeira que compunha seu rito essencial.

Com o passar do tempo foi tornando-se comum à arte de representar as coisas e as pessoas da vida cotidiana, em formas reduzidas culminando na arte do artesanato popular destinado à satisfação de adultos e crianças. Ariès

destaca os famosos presépios napolitanos como uma das formas de manifestação dessa arte. Outrossim, temos os museus alemães e suíços.

Além disso, eram muito procurados pelas crianças e adultos os chamados “brinquedos alemães” e as “quinquilharias italianas”. Na França surgem os chamados *bimbeloterie*, ou seja, os famosos bibelôs, que antigamente eram considerados como brinquedos chamando atenção tanto das crianças, como dos adultos. No século XIX o bibelô tornou-se um objeto de salão, de vitrine, mas continuou a ser a redução de um objeto familiar.

Ariès também destaca o surgimento dos fantoches em 1747, no qual “inventaram-se em Paris uns brinquedinhos chamados fantoches... Esses bonequinhos representam Arlequim, Scaramouche (a comédia italiana) ou então padeiros (os ofícios), pastores e pastoras (o gosto pelos disfarces rústicos).” Segundo o autor esses bonecos divertiram e dominaram Paris, eles eram dados de presente para mulheres e crianças, era muito comum encontrá-los pendurados nas lareiras. Ademais, temos o surgimento do teatro de marionetes, como uma forma de manifestação da arte popular e da ilusão em miniatura.

No entanto, os bibelôs e os fantoches foram objetos de diversão e culto dos adultos; contudo, estes, assim como muitas brincadeiras tradicionais, passaram a ser predominante no mundo infantil. Os bibelôs foram usados como objetos de decoração e brinquedo dos adultos até o séc. XIX, quando começaram a se tornar brinquedos de crianças; em relação aos fantoches, segundo Ariès, em meados do séc. XVIII constituíam-se num dos principais brinquedos dos adultos de Paris. Era comum em todas as casas haver um desses bonecos pendurados em algum canto; durante esse período foi um

objeto de diversão usado principalmente, para presentear mulheres e meninas, sem discriminação de idade.

Como podemos observar na Europa até o séc. XVII as brincadeiras e os jogos eram atividades coletivas que ocorriam principalmente durante as festas sazonais e serviam para reforçar os vínculos e as relações entre as pessoas, além do divertimento na comunidade; adultos e crianças se misturavam nas brincadeiras, sem qualquer preconceito com a idade ou gênero. Nas pinturas do séc. XVII mostram crianças e adultos jogando boliche, cartas e brincando de cabra-cega, meninos pulando odres cheios de vinho e meninas sendo empurradas nos balanços. Podemos observar que as danças, até o séc. XVI aconteciam com a participação de crianças e adultos sem distinção; porém, com a influência dos moralistas, esses atribuíram às danças um caráter sexual, podendo ser praticada somente pelos adultos; assim apenas a dança de roda foi permitida as crianças.

O Ariès ressalta, que os adultos participavam de jogos e brincadeiras que atualmente reservamos às crianças, assim, relata uma brincadeira em que um jovem sentado no chão tenta pegar homens e mulheres que o empurram; também relata uma outra brincadeira em círculo de casais, onde fica uma pessoa no centro como se fosse uma vela, cada dama fica atrás do seu cavalheiro e o segura pela cintura; também registra relatos de guerra de neve e de brincadeiras de cabra-cega, sobretudo porque,

Na sociedade antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha tanta importância na opinião comum: não tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século. Mal podemos dizer que tivesse o mesmo sentido. Por outro lado, os jogos e os divertimentos estendiam-se muito além dos momentos furtivos que lhes dedicamos: formavam um dos principais meios de que dispunha uma sociedade para estreitar seus laços coletivos, para se sentir unida. Isso se aplicava a quase todos os jogos, mas esse papel social aparecia melhor nas grandes festas sazonais e tradicionais. (Ariès, 1981, p.94)

Em tais festas participavam, dançavam, cantavam e brincavam todos juntos, crianças, adultos, jovens e idosos. Contudo, o brincar e a utilização dos brinquedos pelos adultos, como uma atividade coletiva, e uma forma de sociabilidade e interação entre adultos e crianças são deixadas de lado, com o avanço do sistema capitalista, da industrialização e do modelo burguês de família. O adulto, em grande parte das vezes, passa a se preocupar com o desenvolvimento do seu capital; o tempo, que era destinado ao brincar, é tendencialmente substituído pelo trabalho, pois o tempo é dinheiro, é lucro, contrário ao tempo anterior, considerado como vida, como prazer.

Porém, partindo de um referencial teórico thompsoniano podemos observar nas experiências dos adultos, outras experiências relativas ao brincar, as quais estão (estavam) permeadas pela concepção de resistência, principalmente em relação ao tempo do trabalho; pois, não existe (existiu) apenas os movimentos de dominação.

Muitas brincadeiras e brinquedos que eram usados pelos adultos, crianças e mulheres, passam a ser substituídos pela especialização, que divide as brincadeiras e brinquedos, de acordo com gênero e faixa etária. Com a especialização de brincadeiras e brinquedos torna-se o sistema capitalista mais cruel e eficaz, na medida em que as indústrias passam a investir na produção de brinquedos específicos para determinados gêneros e idades, lucrando cada

vez mais; sobretudo, porque agora o adulto produz as brincadeiras e brinquedos, tendo como público alvo às crianças.

Contudo, o brincar deixa de ser cultura do adulto, passando a ser apenas uma cultura das crianças, com o objetivo de fazer com que o adulto não brinque mais, passando a valorizar o seu tempo em busca do lucro, substituindo o brincar pelo trabalho. Em contra partida, o brincar é permitido às crianças, exatamente pelo fato de que essas não geram lucro para a sociedade, somente como consumidoras de produtos como brinquedos; assim como o brincar também não gera lucro como processo, mas sim, como produto, o capitalismo relega o brincar às crianças, por não serem lucrativos para o sistema.

...caminhos trilhados: história das brincadeiras e brinquedos dialogando com as contribuições historiográficas de W. Benjamin

O filósofo berlinense Walter Benjamin (2002) registra que viveu a crise da modernidade capitalista, no início do século XX (ou seja, as duas Grandes Guerras, e o totalitarismo da esquerda e da direita ou ainda, stalinismos e o fascismo e nazismo). Como demorou muito tempo para a sociedade reconhecer que as crianças não são homens e mulheres em miniatura; até mesmo em relação às roupas infantis, somente no século XIX estas se emanciparam das roupas adultas. Mas, faz algumas ressalvas, em relação ao seu próprio século, quando observa a relutância da sociedade capitalista em aceitar as crianças como pequenos seres humanos.

A partir do olhar sensível de Benjamin, podemos observar como esse olhar a criança como ser capaz de (re) significar suas experiências vividas, na

relação com o mundo adulto, pois mesmo que o adulto construa os instrumentos de brincadeira, são as crianças que lhe atribuem significados e sentidos outros nas suas brincadeiras.

Benjamin em “Velhos Brinquedos” nos traz as suas impressões pessoais diante de uma exposição de brinquedos no Märkische Museum (Museu distrital brandenbúrgues), onde reuniu não apenas brinquedos no sentido estrito do termo, mas também jogos de salão, blocos de construção, pirâmides natalinas, câmaras ópticas, livros, material ilustrado e laminas para aula visual. Porém, o autor faz críticas a essa exposição, pois essa não exibiu o que Berlim dos séculos XVIII e XIX produziu de melhor em matéria de brinquedos.

Em Berlim a fabricação de brinquedos teve um início tardio, pois, durante o século XVIII a comercialização de brinquedos oriundos do sul da Alemanha, ficou a cargo de comerciantes de ferragens. A partir dessa pontuação de Benjamin podemos notar que o comerciante de brinquedos, propriamente dito, foi surgindo aos poucos com a especialização comercial.

Em “História cultural do brinquedo” Benjamin ressalta a importância da Alemanha como centro geográfico e espiritual, no que diz respeito à fabricação de brinquedos. A cidade de Nuremberg é a pátria dos soldadinhos de chumbo e da reluzente fauna da arca de Noé; a mais antiga casa de bonecas de que se tem notícia provém de Monique.

Podemos observar que os brinquedos não foram invenção de fabricantes especializados, mas surgiram nas rústicas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho, pois antes do século XIX, a produção de brinquedo não era função de uma única indústria. Benjamin nos relata que a

beleza e o estilo das peças mais antigas se explicam pela circunstância única de que os brinquedos eram considerados produtos secundários das diversas oficinas manufatureiras, pois cada oficina podia fabricar aquilo que competia ao seu ramo.

Quando no decorrer do século XVIII, afloraram os impulsos iniciais de uma fabricação especializada, as oficinas chocaram-se por toda parte contra as restrições corporativas. Estas proibiam o marceneiro de pintar ele mesmo as suas bonequinhas; para a produção de brinquedos de diferentes materiais obrigavam várias manufaturas a dividir entre si os trabalhos mais simples, o que encarecia sobremaneira a mercadoria. (Benjamin, 2002, p.90)

Logo, podemos notar que a distribuição dos brinquedos não era inicialmente função de comerciantes específicos, mas era comum encontrar animais talhados em madeira com marceneiros, assim como, soldadinho de chumbo com o caldeireiro, figuras de doce com o confeitiro.

Com o avanço da Reforma, muitos fabricantes e artistas foram obrigados a reorientar suas produções, passando a fabricar objetos de arte menor para decoração doméstica, em vez de obras em grande formato. Foi assim que se deu a difusão do mundo de coisas minúsculas, que faziam a alegria das crianças nas estantes de brinquedos e dos adultos nas salas de "arte e maravilhas", havendo assim, o predomínio dos brinquedos alemães no mercado mundial. Logo, na segunda metade do século XIX começa a decadência acentuada dos objetos menores, resultando na perda gradativa do elemento discreto, minúsculo e sonhador dos brinquedos.

Segundo Benjamin "uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avançava, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só as crianças, mas também aos pais". (Benjamin, 2002, p.91)

Segundo Meira (2003), com a passagem de um modelo artesanal de produção para um modelo industrial, o brinquedo deixou de ser um produto de "restos", cuja pluralidade de formas e materiais dava vazão ao subjetivo conteúdo imaginário da criança, para adquirir, então, um status de fabricação especializada, cuja representação poderia vir a predefinir ou sugerir a natureza da brincadeira.

Segundo Almeida (2006), a capacidade da criança de escolher e adaptar objetos multiformes – restos desprezados pelos adultos como "inúteis" e "inadaptados" -, com a finalidade de implementá-los em suas brincadeiras, segue como representação de sua fantasia e de sua auto-expressão. É o que Benjamin designa "fazer história a partir do lixo da história". (idem, *ibid.*, p. 14) Neste sentido, para Benjamin, "quanto mais atraente (no sentido corrente) forem os brinquedos, mais distante estarão de seu valor como 'instrumento de brincar'; quanto ilimitadamente à imitação anuncia-se neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva". (idem, *ibid.*, p. 70)

Portanto, as crianças passaram a escolher e adaptar os objetos multiformes desprezados pelos adultos tidos como "inúteis" e "inadaptados", implementando-os nas suas brincadeiras, como uma forma de representação da suas fantasias e auto-expressão. Importante destacar que, quanto mais atraentes forem os brinquedos, mais distantes estarão do seu valor como instrumento de brincar; por exemplo, as bonecas que andam e falam e os carrinhos que andam, quanto mais sofisticados forem, menos atraem a atenção das crianças.

Benjamin destaca alguns instrumentos de brincar arcaicos que desprezam toda máscara imaginária (possivelmente vinculados na época à

rituais): bola, arco, roda de penas, pipas, esses são os chamados autênticos brinquedos(...). “tanto mais autênticos quanto menos o parecem ao adulto”, pois “quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desvia, da brincadeira viva.” (Benjamin, 2002, p.93) Quanto mais os brinquedos se aproximam do objeto real do mundo dos adultos, mais se distanciam do brincar da criança, pois, retiram da criança a possibilidade e a capacidade de criar, inventar, imaginar e fantasiar nas suas brincadeiras.

Com o avanço da indústria, nos deparamos com a falsa simplicidade dos brinquedos modernos, que “subjazia o autêntico anelo de reconquistar o vínculo com o primitivo”(Benjamin, 2002, p.92). Assim, ressalta como a madeira é um material apropriado para produzir um brinquedo, pois é mais resistente e tem capacidade de assimilar várias cores. Quando tentamos penetrar no mundo dos brinquedos e das brincadeiras, observamos que;

Nada é mais adequado à criança do que imitar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. E ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha, um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. (Benjamin, 2002, p.92)

O que podemos compreender com tal registro é que os adultos, ao produzirem os brinquedos para as crianças interpretam e idealizam aquilo que acham que a criança gosta e espera de um brinquedo; mas, infelizmente, não conseguem atingir a sensibilidade infantil, pois estes, deixam a desejar, pois, quando a criança pega um brinquedo muito sofisticado, muitas vezes, ela atribui outros significados e sentidos a esse mesmo objeto.

Benjamim ressalta a importância de superar o equívoco de acreditar que a brincadeira da criança é determinada pelo conteúdo imaginário do brinquedo, quando na verdade é o contrário, pois quando a criança quer puxar alguma coisa torna-se cavalo, quer brincar com areia torna-se padeiro, quer esconder torna-se bandido ou guarda. A criança primeiro pensa no que quer brincar; quando determina sua brincadeira passa a buscar os seus instrumentos de brincar; a partir disso, ela constrói a sua brincadeira.

...Mas há não se pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literato –, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar. Uma vez extraviada, quebrada e consertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças. (Benjamin, 2002, p.87)

Além disso, vemos como as percepções infantis são impregnadas pelos vestígios da geração mais velha, com as quais as crianças se defrontam; esse mesmo processo ocorre com as suas brincadeiras. Assim, o autor nos mostra que é difícil construir suas experiências de brincadeiras em um âmbito de fantasia, pois, os brinquedos mesmo quando não imitam os instrumentos dos adultos, esses servem como confronto, não da criança para com o adulto, mas destes para com a criança. Benjamin levanta a questão: pois quem senão o adulto fornece primeiramente à criança os seus brinquedos? Continua, dizendo que a criança tem certa liberdade de aceitar ou recusar, mas alguns brinquedos como a bola, o arco, a roda de penas e a pipa, são impostas às crianças como objetos de culto, outros instrumentos, graças à imaginação infantil, são transformados em brinquedos.

Ademais, sabemos que as crianças sentem prazer ao construir e inventar seus próprios brinquedos, utilizando como instrumentos a "madeira, ossos, tecidos, argila, que representam nesse microcosmo os materiais mais

importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos. Mais tarde vieram os metais, vidro, papel e até mesmo o alabastro". (Benjamin, 2002, p.93). Esses instrumentos ainda chamam atenção das crianças, no momento da construção dos seus brinquedos.

Segundo Benjamin, para a criança que brinca, a sua boneca ora é grande, ora é pequena, e certamente pequena com mais freqüência, pois se trata de um ser subordinado. Isso se deve muito mais ao fato de que até o século XIX o bebê era inteiramente desconhecido enquanto ser inteligente e, por outro lado, o adulto constituía para o educador o ideal cuja semelha ele pretendia formar a criança.

Uma das leis que rege o brincar é a lei da repetição, pois, para a criança, essa é a alma do jogo; nada a torna mais feliz do que o "mais uma vez", não basta apenas duas vezes, mas sempre de novo. E, de fato, "toda e qualquer experiência mais profunda deseja insaciavelmente, até o final de todas as coisas, repetição e retorno, restabelecimento da situação primordial, da qual ela tomou o impulso inicial". (Benjamin, 2002, p.101) É assim, "que a criança diferente do adulto que quando narra uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, a criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa desde do início. A essência do brincar não é um "fazer como se", mas um "fazer sempre de novo", transformação da experiência mais comovente em hábito". (Benjamin, 2002, p.102)

Nesse sentido, o jogo para Benjamin é como se fosse um hábito, como comer, dormir, vestir-se, lavar-se; esses são inculcados desde que somos pequeninos, de maneira lúdica, entrando na nossa vida como uma brincadeira;

mesmo nas formas cotidianas mais enrijecidas, ainda resta um pouquinho de brincadeira.

Quando pensamos na "suposta" simplicidade dos brinquedos, vemos que, não está, exatamente, nas formas, mas na transparência do seu processo de produção. Por isso, é importante que a criança compreenda o processo de produção do seu brinquedo, isso acontece quando esse é produzido por técnicas primitivas. Segundo o autor, o objetivo de produzir brinquedos infantis "primitivos" é exatamente da criança compreender como foi produzido o seu brinquedo, pois o mais importante é saber sobre a construção total de sua boneca, na medida que consegue imaginar como essa foi feita, pois é assim que estabelecemos uma relação viva com as coisas que possuímos.

Contudo, Benjamin, nos mostra que as crianças não são nenhum Robinson Crusoé, não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte dos grupos sociais da classe a que pertecem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e a população. (Benjamin, 2002, p. 94) A partir disso, podemos entender que a criança não vive isolada no mundo, apenas situada no mundo da infância, mas vive na com os adultos, com a sociedade que a cerca, e é a partir dessa relação que ela vivencia e experimenta, (re) significa toda essa experiência na brincadeira, dotando-a de novos sentidos e significados.

Entrecaminhos: encontros e confrontos das história de brincar no Brasil

Segundo De Santis (1998), nos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil, muitas brincadeiras praticadas pelas crianças, filhas de homens livres, dialogaram com elementos das culturas indígenas e, posteriormente das culturas africanas. Nos séculos XVI e XVII ocorreram os primeiros encontros e relacionamentos entre as crianças européias, mestiças e índias, no colégio jesuítico. Esse contato, embora desigual, possibilitou a troca das diferentes formas de brincar, assim como de brinquedos.

Uma das características das culturas indígenas nas brincadeiras é a utilização da imagem de animais em atividades como danças, cantos, rituais e brincadeiras infantis, como também na forma de objetos de uso doméstico como cuias e potes. Essas representações demonstram a atração que os animais exerciam e ainda exercem, sobre as diferentes formas de expressão cultural das tribos, seja entre os adultos como entre as crianças. Importante destacar que esse aspecto das culturas indígenas foi absorvido e adaptado não só pelas crianças brancas, mas também pelos homens civilizados da América Portuguesa.

Além disso, vemos que era muito comum entre as crianças indígenas, a caça e a domesticação dos animais, como os pássaros caçados com badoques ou alçapão, para, posteriormente, tornarem-se brinquedos.

Na Europa desde do séc. XV existiam registros iconográficos de brinquedos que imitavam alguns animais, como o cavalo de pau e o pássaro de madeira, que ficava amarrado a um cordão. Podemos entender que esses brinquedos foram uma forma das crianças européias imitarem e apreenderem o

mundo adulto. Quando brincam com o cavalo de pau, aproximam-se do principal meio de transporte do período, que era o cavalo; outro brinquedo era o cata-vento, inspirado nos moinhos de vento, um brinquedo muito comum entre as crianças européias e que, com o processo de colonização chegou ao Brasil.

Outra brincadeira bastante praticada pelas crianças indígenas era brincar entre si dentro do rio, nadando, gritando, fazendo jogos e festas. Ademais, era comum a construção de bonecas feitas de barro e argila, pelas mulheres e meninas indígenas; essas bonecas imitam as características físicas da mulher indígena; também as crianças indígenas brincavam com espiga de milho como se fossem bonecas; essa brincadeira ainda predomina em algumas regiões do Brasil.

Em relação aos negros, esses tiveram uma presença muito forte na formação da cultura brasileira, apesar das desigualdades que marcaram o contato entre as raças, nos primeiros anos de colonização. Um dos primeiros aspectos da nossa cultura que sofreu modificações foi a língua portuguesa, pois, nas fazendas era comum os filhos dos senhores serem entregues às escravas, logo que nasciam, para serem amamentados e cuidados por elas; depois de amamentar, colocavam as crianças para dormir, cantando as canções de ninar trazidas pelos portugueses, com o tempo essas canções foram sendo modificadas e adaptadas por essas escravas, às condições regionais.

Entretanto, as modificações não ocorreram somente com as canções, mas em todo vocabulário e modo de falar, como por exemplo, o emprego do diminutivo em algumas terminologias. Nesse processo as crianças foram o

principal veículo dessas mudanças na medida interagiram com as brancas, mulatas, negras; desde muito cedo estando em contato direto com as negras e escravas domésticas.

Um costume das famílias abastadas era presentear seus filhos quando pequenos com uma criança negra, que tivesse mais ou menos a sua idade, para servi-lhe como companhia ou brinquedo; por isso, muitas crianças cativas passaram os primeiros anos de suas vidas ao lado dos filhos do senhor, alimentados pela mesma ama de leite, ouvindo as mesmas canções de ninar e as histórias contadas pelas negras africanas sobre sua terra. No entanto, quando essas crianças saíam da primeira infância, tinham que aprender e se adaptar a seu novo papel e lugar na sociedade, como trabalhar na lavoura, dormir na senzala com os outros negros.

A senzala era também um espaço de brincadeiras e divertimentos: os meninos brancos misturam-se com os meninos negros ou mestiços compartilhando os carinhos e as amolações das negras mais velhas que, algumas vezes, também participavam das brincadeiras com as crianças.

No entanto, segundo Prezotto (1999) as relações entre os meninos, filhos dos donos de engenho com os filhos dos escravos, nem sempre foram harmônicas. Tanto nas fazendas quanto nas cidades, a situação de escravidão a que os negros estavam submetidos ficava evidente na forma de tratamento que os senhores e senhoras davam às crianças cativas. Várias eram as situações de humilhações, explorações e castigos que se aplicavam a essas crianças; isto se expressava nas brincadeiras realizadas pelas crianças que viviam e assistiam ao que acontecia entre os diferentes grupos sociais, que constituíam a sociedade da época.

Algumas brincadeiras, como empinar pipa, eram usadas pelos garotos brancos da casa grande para praticar atos de crueldade, colocando nas tiras do rabo do papagaio lâminas de vidro ou caco de garrafa para cortar a linha dos outros, prática comum nos dias atuais. Ademais, outra brincadeira era reunir um grupo de crianças em que um beliscava o outro.

Segundo Prezotto, para fugir das humilhações, um recurso que, muitas vezes, utilizavam eram as fantasias, construídas com personagens fictícios, tirados dos contos folclóricos regionais. Através da imaginação, podiam ocupar uma posição superior, onde ninguém poderia alcançá-los e muito menos agredi-los; era o modo que muitos encontravam para se defender e conquistar alguma liberdade, já que lutar contra o mais forte era difícil para as crianças.

Segundo Benjamin, as festas que as crianças fazem em torno de situações que nem sempre estão para brincadeira é consequência do poder que elas tem de irradiar alegria, rir e brincar com todos os acontecimentos; mesmo aqueles que para os adultos podem ser os mais trágicos, para as crianças tornam-se motivos de brincadeira. (Benjamin, 1984,p.65)

Segundo Benjamin, uma característica do mundo infantil é o desejo de reviver as brincadeiras ou histórias que lhes trouxeram algum tipo de prazer ou emoção, tais como medo, terror, tristeza ou alegria; através da repetição a criança buscará recuperar aquelas sensações vividas durante a primeira experiência. Para isso, elas selecionam as histórias ou brincadeiras que quer ver repetidas, ou seja, aquelas que tem alguma relação com o seu contexto. Trata-se de “(...) saborear, sempre com renovada intensidade, os triunfos e vitórias”. (Benjamin, 1984, p.75)

É uma coisa legal, quando brinco estou me divertindo

Brincar é um monte de coisas, e ser feliz, e ser criança³

Capítulo III –

(Re) tecendo fios da modernidade capitalista e suas relações com o brincar.

(...) uma ponte para seu imaginário, um meio pelo qual externam suas criações e suas emoções. O brincar ganha, então, densidade, traz enigmas, comporta leituras mais profundas, vivas, ricas em significados. Adquire especial importância e passa a ser merecedor de considerações essa, a sua seriedade. (Oliveira, 1984: 8)

Quando nos propomos a questionar e refletir sobre o mundo infantil versus o mundo adulto, vemos a necessidade de trazer à luz, as transformações que surgiram com o avanço do capitalismo na sociedade moderna; vemos a necessidade de pensarmos a sociedade moderna no bojo das relações sociais.

Nesse sentido buscamos nas obras de Galzerani (2002) alguns fios sobre o assunto, assim, ela nos mostra que Benjamin focaliza e entende

a modernidade como uma expressão artística e intelectual de um projeto histórico, intimamente articulado a ordem burguesa e capitalista, chamado “modernização” – contraditório, inacabado, mal resolvido, produtor de ruínas. O filósofo chega a conclusão que apesar das novas possibilidades técnicas do século XIX, estas não resolveram as questões sociais fundamentais, tais como o esfacelamento do social, a dominação, a opressão. (Galzerani, 2002, p.52)

A autora nos aponta que, a grande decepção desse pensador é exatamente o fato, da modernidade capitalista trazer à tona todas essas inovações tecnológicas, pensando apenas no lucro e na expansão das camadas burguesas.

³ Frase de uma menino, sobre a questão: o que significa brincar?

Segundo Benjamin, Baudelaire foi o primeiro a utilizar o termo *modernité* dentro da acepção por ele enfocada. Benjamin por ter vivido algumas das crises fundamentais do sistema capitalista, como a Primeira Guerra Mundial, o nazismo, o fascismo, o stalinismo e a Segunda Grande Guerra, dialoga no interior de suas obras com todas essas crises, trazendo um profundo questionamento em relação as fantasmagorias implementadas pela modernidade capitalista.

Segundo a autora, no “Trabalho das passagens”, o pensador berlinense,

através de um diálogo implícito com Weber, demonstra que a modernidade, tal qual se deu historicamente, representou o reino do mito e não o desencantamento, como defendera Weber. Em vez de despertar o homem do seu sonho mítico, a modernidade mergulhou-o em fantasmagorias sui generis, sujeitas a temporalidade de um novo mito, o mito do “sempre igual”. (Galzerani, 2002, p.53)

Vemos ainda nas pegadas do trabalho desta autora, que os sonhos coletivos não desaparecem, com a modernidade capitalista:

mas, subsistem como casas de sonhos, como idealizações. Assim, o pensador enfoca a criação das grandes galerias, surgindo como cenário encantador das compras, do fetiche das mercadorias, e, ao mesmo tempo, escamoteando o caráter, que lhe é inerente, dilapidador das relações sociais, das memórias, dos sentidos mais plenos. (Gazerani, 2002; apud Benjamin 1985)

Galzerani ainda destaca que Walter Benjamin concebe o conceito de modernidade intimamente articulado com o avanço do capital. O filósofo inclui nas suas reflexões a dimensão cultural, as visões de mundo e as sensibilidades, encarando a cultura como produto e produtora das relações sociais. Focaliza as sensibilidades como construções historicamente dadas.

Segundo Galzerani o pensador berlinense crítico da sociedade filistéia aproxima-se de Nietzsche,

quando questiona as visões e sensibilidades modernas da sociedade capitalista, fundada no consumo, na dimensão do ter, não do ser. Uma sociedade na qual não existe a comunicação, o intercâmbio entre pessoas inteiras. Uma sociedade em que, segundo o próprio, autor predomina "vivências", e não "experiências vividas". (Galzerani, 2002,p.54)

Ao mesmo tempo enfatiza a autora que Benjamin:

explicita que o desenvolvimento das forças produtivas e o processo acelerado das invenções tecnológicas transformam as relações e as sensibilidades sociais; o trabalhador passa a isolar-se dos outros e dos processos mais globais de produções; o ritmo dos homens torna-se o ritmo da técnica; o passado deixa de ser referencia de continuidade e os indivíduos como a "nova horda dos bárbaros", atropelam-se na vertigem de um tempo fugaz e dispersam-se na busca solitária e atordoante do "novo" como o sempre igual. (Galzerani, 2002, p.54)

Registra ainda que Benjamin nos alerta sobre o homem moderno, sendo preciso que esse tenha *um olhar armado, tem que captar rapidamente as ocorrências que se dão na sua frente*. E isto em detrimento da sua capacidade de memória, da percepção de sentidos de si mesmo e do outro, numa trajetória que dificilmente consegue encadear o presente, o passado e o futuro. (Galzerani, 2002,p.55)

Benjamin nos proporciona questionar o nosso hoje, ante ao avanço da modernidade capitalista, as nossas práticas cotidianas, que muitas vezes são "maquínicas", reprodutoras do *status quo*.

Assim sendo, enfatiza que precisamos questionar até que ponto, contemporaneamente, temos sido autômatos, enredados nas teias do próprio sistema. Como também, até que ponto temos consciência de nós mesmos e dos outros, consciência que deve ser concebida historicamente, ser situada na rede temporal – se reproduzimos, o universo simbólico do sempre igual?"(Galzerani, 2002, p.55)

Portanto, Galzerani conclui mostrando que Benjamin enfatiza,

que estamos enredados por uma dimensão social que esvazia a dimensão temporal, que estilha as relações sociais, que dilapida as significações e a memória. Porém, ao mesmo tempo, como marxista dialético, explícita, através de suas elaborações históricas, relativas também a si mesmo, que somos sujeitos, que somos capazes de produzir, por exemplo, rememorações, ressignificando, alterando os rumos da nossa própria história, na relação com outras histórias. Concebe, pois, a modernidade como drama, como ruína, mas, ao mesmo tempo, deixa brechas para que visualizemos o mundo moderno como prenhe de potencialidades de "salvação" ou de construção de "novas" práticas sociais. (Galzerani, 2002, p.56)

Mundo infantil versus o mundo adulto na contemporaneidade

Para pensarmos o relação existente entre o mundo infantil versus o mundo adulto, tentamos buscar as suas raízes. Logo, observamos que é possível localizar significativas transformações nas práticas do brincar pela criança, justamente com as mudanças do trabalho artesanal para o industrial, a partir da Revolução Industrial.

Nesse sentido, os homens passaram a se ajustar ao sistema de produção da nova ordem estabelecida. O produto de seu trabalho transformou-se em mercadoria, sua força de trabalho adquire aspectos e é tratada como mercadoria. Trabalhar deixa de ser prazer, para tornar-se necessidade e obrigação, onde na maioria das vezes o poder de criação é menosprezado. Os trabalhadores, têm sua humanidade aviltada e, logicamente, embrutecida. (Carvalho, 1996, p.301)

Nessa mesma perspectiva, a escola assume uma posição de grande importância nas sociedades ditas industrializadas, passando a ser responsável pela formação da mão-de-obra, imprescindível para as indústrias.

Assim, o capitalismo vê o brincar como uma atividade não produtiva, que não gera lucro, nem produz objetos de valores, próprios da sociedade em que vivemos. O brincar da criança não gera lucro, entretanto, proporciona prazer e alegria, coisas esquecidas por grande parte dos adultos, pois estão preocupados em sobreviver, primeiramente; assim, tentam fazer com que as crianças também as esqueçam.

De Santis (1998) no diálogo com Silva faz uma relação entre o brincar e a lógica da produção na sociedade capitalista, mostrando-nos que o lúdico não se submete à lógica capitalista, por causa do seu caráter de liberdade e de subversão da ordem; destaca também, que a

“idéia de lazer relacionada à ociosidade improdutiva e a de lúdico à não-seriedade, reforçam em nossa sociedade a ideologia moralizadora de que o trabalho é um bem supremo, o devir, e que o brincar não é importante para o presente e o futuro e tampouco dá lucro.” (De Santis, 1998; apud Silva, p.14)

Segundo Bruhns (1996), com o avanço do processo de industrialização vemos o enaltecimento do trabalho em detrimento de outras dimensões da vida, abafando sobremaneira, a dimensão lúdica. Além disso, com o desenvolvimento da moral burguesa, os jogos, danças e brincadeiras são condenados; sendo assim, são condenadas todas as atividades espontâneas e descompromissadas com o sistema.

Entretanto, na sociedade pré-industrial, trabalho e lazer não eram excludentes. Os dois estavam impregnados de certa ludicidade; sendo assim, as atividades de produção e trabalho misturavam-se com os jogos,

brincadeiras, canções e danças. “As práticas relativas ao trabalho e ao jogo estavam integradas nas festas, através dos quais, o homem relembra o mundo dos seus ancestrais.” (Bruhns, 1996,p.36)

No entanto, a (re) significação da dimensão lúdica nos homens têm sido, cada vez mais, difícil, pois essa é desprezada e abafada pela sociedade moderna, onde o espaço e tempo da distensão e relaxamento das regras e normas sociais tornam-se escassos, não permitindo ao homem a possibilidade de libertar-se para criar, sendo esse elemento necessário para a transformação social e para o surgimento do novo.

Sobretudo, o mundo moderno tende a ser aberto à liberdade e à alegria, porque tudo é controlado e regado; o brincar é uma das possibilidades de romper com a transcendência das regras da realidade.

Com o avanço do capitalismo na sociedade moderna, o excesso de estímulos gera a fragilização do próprio tecido do brincar, compondo-se de minúsculas cenas, rápidas, velozes, ou seja, em pequenos momentos. “A fragilização da narrativa revela-se nas novas configurações do brincar, marcadas pela exigência da novidade incessante e pelas constantes rupturas que se operam em função dos imperativos do consumo”. (Meira, 2003; apud Benjamin p.76) Então, observamos que com a fragilização da transmissão das culturas e dos saberes pelas diversas gerações, conseqüentemente teremos novas configurações do brincar, resultante dos imperativos do mundo do consumo.

O excesso de estímulos produz e coloca em circulação os vários objetos, imagens e tecnologias, que apelam pelo consumo, considerando a criança como um consumidor em potencial, causando o esvaziamento da

singularidade da história familiar e cultural, sobretudo, as crianças encontram-se submetidas pela vigência hegemônica de uma formação social que aniquila a possibilidade de diferenciação e distanciamento crítico.

A racionalidade do sistema produtivo torna o lúdico inviável, pois o tempo do lúdico não é regulável, mensurável, objetivável. Toda tentativa de subordiná-lo ao tempo da produção provoca sua morte. Por isso, ele é banido da vida cotidiana do adulto e permitindo nas esferas discriminadas dos “improdutivos”. O lúdico, dentro do mecanismo do sistema, é a sua negação. Em seu lugar permite-se dizer o lazer, o não trabalho, coisa totalmente diferente do lúdico, que é o jogo, a brincadeira, a criação contínua, ininterrupta, intrínseca à produção” (Zilberman, 1990; apud De Santis, 1998)

Segundo Souza (1998), o comportamento infantil tem, como uma de suas particularidades, a transgressão por meio do lúdico, que é vivido nas brincadeiras com os adultos e com seus pares. Estas brincadeiras têm um papel fundamental de (re) elaborar as contradições vividas em seu cotidiano.

A interação entre a dimensão lúdica infantil e o universo adulto proporciona a construção das culturas infantis diferentes das culturas vivenciadas pelos adultos, embora incorpore elementos desta última. Assim, ao mesmo tempo em que (re) elaboram as culturas dos adultos, a interação cultural com o universo adulto favorece as crianças desenvolver novos elementos com traços distintos, possibilitando criar uma cultura própria ao interagir com os seus pares.

Nesse processo de interação com o universo adulto, a criança na contemporaneidade, infelizmente, não é reconhecida como ser humano que vive seu processo de aprendizagem e apreensão singular da cultura em que está inserida, conhecendo a si mesma e se apropriando e (re) elaborando. Desse modo, o adulto não consegue reconhecer na criança as suas potencialidade, suas emoções, sua criatividade, seus desejos ao brincar.

Entretanto, ao assumir os pressupostos teóricos de E. P. Thompson e W. Benjamin, tais teóricos trabalham com as contradições e ambigüidades nas experiências humanas; é nesse sentido que vemos como as crianças se afirmam como sujeitos sociais produtores de culturas na relação com o mundo adulto, (re) significando suas experiências vividas, não apenas se apropriando.

Segundo Souza, a interação social é a base do conhecimento, pressupondo a elaboração da cultura infantil, revelada nas brincadeiras. Através das brincadeiras as crianças conhecem a realidade em todos os seus aspectos. Supõe-se, ao mesmo tempo, que possibilita o desenvolvimento da criança como ser humano.

Benjamin (2002), recorrendo a Gröber observa como o brinquedo é condicionado pela economia, mas não somente por essa, mas também pela cultura técnica das coletividades. Assim, observa que, até hoje, o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança, e não como criação da criança; assim também o brincar tem sido visto, em demasia a partir da perspectiva do adulto, exclusivamente sob o ponto de vista da imitação.

Vemos que a criança não ocupa na sociedade um espaço de mera receptora e consumidora dos produtos culturais, mas a criança é capaz de produzir e construir culturas, histórias e memórias.

Vemos que atualmente "O "moderno" é não ter a história como referência, prescindir do outro, artificializado em meio a um emaranhado sem fim de objetos sem nenhuma utilidade, a não ser a de sustentar a ilusão de uma completude impossível." (Meira, 2003,p.78) Atualmente, não temos mais o confronto do sujeito com o passado, essa dimensão da falta se apaga.

No caso dos *games* a dimensão virtual revela a subtração da relação da criança com o processo de criação e ensaio próprio do brincar, já que os processos dos *games* estão previamente determinados. Por outro lado, podemos também pensar que estes jogos virtuais representam tentativas das crianças de “brincar com as imagens” que são *hegemônicas na sociedade de consumo*. (Meira, 2003)

Meira (2003) nos mostra que os vídeo-games, como vias de passagem do brincar para o jogo, fazem com que as crianças não realizem essa trajetória ou as abreviem; assim, os jogos eletrônicos e virtuais prevalecem sobre o brincar com objetos e brinquedos. A autora questiona acerca dos efeitos desta nova posição da criança, que se encontra enlaçada ao tecido social contemporâneo, onde a tecnologia é hegemônica e prevalece no brincar.

Quando pensamos no caso dos jogos eletrônicos, podemos observar que,

muitos brinquedos eletrônicos trazem ao brincar relações fetichistas, ou seja, são brinquedos que não apenas comandam as ações – a exemplo de veículos, bonecas, e animais que se movimentam e executam sozinhos suas atribuições – como, também, chegam a prescindir de que a criança alguma os manipulem durante o brincar. Bastam-se a si mesmos para produzir a ação de brincar, fazendo das crianças meros auxiliares. A humanização do objeto e a coisificação das pessoas inverte as relações sociais, fazendo as criaturas senhores de seus criadores. (Oliveira, 1996, p. 90)

Isso ocorre, pelo fato, de que o brincar não é, ação e atuação das crianças, mas, dos brinquedos, pois esses definem toda a programação, os conteúdos e os níveis de dificuldade previamente estabelecendo, assim, os horizontes e os limites da brincadeira. Sobretudo, vemos a retirada da possibilidade da criança de criar a brincadeira e dar feições outras aos objetos de brincar, resultando na massificação cultural através dos brinquedos.

As crianças que sempre fizeram dos brinquedos uma ponte para experimentar e conhecer o mundo, criando-o e recriando-o a seu feitio, agora se vêem compelidas a abdicar dessa operação criadora e transformadora no mundo, para serem designadas como ativas ao controlarem brinquedos à distância ou comandarem movimentos de figuras na tela. (Oliveira, 1996, p. 91)

No entanto, não assumo esse ponto de vista com a autora, ao passo que, E. P. Thompson e W. Benjamin nos mostram que nas experiências humanas sempre existe espaço para os movimentos de dominação e resistência; nesse sentido, as crianças ao serem submetidas aos brinquedos eletrônicos encontram brechas e alternativas outras para fugir daquilo que lhe é imposto, isto é, resistem criando e (re) criando suas brincadeiras.

Muitas vezes, as crianças se vêem enredadas diante das suas brincadeiras e brinquedos, na medida que, observam a impossibilidade de atuar diretamente no real; pois, a sua atuação sempre acontece através da mediação, restrição e controle da linguagem dos objetos tornados lúdicos. Sobretudo, a criança ao brincar com os brinquedos eletrônicos não vê outra saída, a não ser acatar a lógica do brinquedo.

Tais brinquedos eletrônicos e jogos de vídeo-games trazem em si, nos seus conteúdos, a dualidade dos pólos antagônicos como: bem/mau, vitória/derrota; certo/errado; sucesso/fracasso; revelando uma visão de mundo maniqueísta .

Além disso, os brinquedos eletrônicos não visam promover, a fluência da imaginação infantil, mas, o adestramento; tais jogos trazem a submissão aos procedimentos e às regras, postos pela máquina, como também a mecanização de gestos e atitudes.

A sociedade moderna privilegia a funcionalidade do sistema e não a preparação para mudanças, dificultando à criança modificar ou criar em cima de sua vivência. Sobretudo, é exacerbado um pragmatismo cada vez maior, visando a preparação para consumo, havendo a inserção precoce da criança na vida produtiva. (Neto,1996, p. 116)

Contudo, discordo do autor, na medida que, assumindo os pressupostos teóricos thompsoniano e benjaminiano, observo que o mundo dos adultos tende a inserir precocemente as crianças na vida produtiva, mas, essas (re) significando suas experiências vividas atribuem outros significados e sentidos as determinações do universo adulto, vivendo intensamente suas infâncias e brincadeiras, criando e (re) criando sobre essas.

Meira nos aponta que as fantasias que as crianças criam e revelam no brincar, nas lutas e na destruição dos brinquedos, não pode ser encontrada nos *games*, pois, “nesse o roteiro da fantasia é pré-programado, assim como sua travessia é virtual. As lutas nos vídeos são narcísicas e miméticas por excelência”. (p.83)

Os comportamentos miméticos presentes nas brincadeiras das crianças decorrem da capacidade destas de criar e inventar personagens e objetos, vesti-los imaginariamente com traços, palavras, gestos, não sendo uma simples imitação, mas, uma forma de interagir com o mundo que o cerca, (re) criando os seus elementos.

Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada.” (Benjamin, 2002, p.85)

Podemos entender que a criança se liberta no ato de brincar, de construir, inventar, criar, sonhar, projetar; é assim que a criança constrói seu

mundo, que, sobretudo, é um mundo próprio e específico, no qual a emoção, os sentimentos, a criatividade, a imaginação são valorizados.

Vemos que a memória do brincar, atualmente, está sendo apagada pelo excesso de oferecimento de objetos às crianças, podendo ser produzida através de novas narrativas, a partir da aproximação da criança de seus pares e das culturas.

O Brincar na Escola na Contemporaneidade

Ao ingressar na escola, hoje, a criança sofre um processo de ruptura muito grande entre o mundo lúdico infantil e o mundo das coisas impostas. Seu tempo, até então disponível para jogar e brincar, passa a ser controlado pela escola; seu corpo fica preso a uma cadeira muitas vezes inadequada ao seu tamanho, executando tarefas estéreis que pouco ou quase nada tem a ver com o seu ser criança.

A criança na escola hoje, é forçada a se encaixar dentro daquilo que a escola exige. Mesmo com toda rigidez imposta, a criança consegue burlar tal rigidez, como forma de resistência, tentando em determinados momentos, não sujeitar-se a ela.

Logo, nos deparamos hoje em grande parte das vezes com a não valorização pela escola da ludicidade da criança, do seu brincar, da sua necessidade de movimento, sua necessidade de ser criança; sobretudo, a criança precisa ser tratada na escola como criança, que vivencia sua infância e desfruta dos seus momentos próprios, não sendo vista como um adulto em miniatura, no chamado eterno “vir a ser”.

A escola deve buscar o “gostoso gosto de quero mais”, sempre, fazendo com que as crianças gostem da escola enquanto espaço de troca de experiências, de aprendizagens e saberes, um lugar que queiram sempre saber mais, questionar mais, nunca se satisfazendo com aquilo que é imposto-lhe.

A escola precisa perceber a criança como um ser em desenvolvimento em constante movimento, dotada de um corpo em ação, sobretudo,

o ato educativo não é exclusivamente mental; ao contrário, este vincula-se diretamente ao corpo em sua totalidade. Se educar é libertar, então que educação é esta que oprime e exclui o corpo do ato educativo? Que educação é esta que proíbe camufladamente a liberdade? (Carvalho, 1996, p.304)

A partir dos questionamentos de Carvalho, vemos a importância da escola pensar a aprendizagem como algo que liberta as crianças para novas descobertas e descobrimentos pelo mundo dos conhecimentos e saberes, não como acúmulo de conhecimentos e conteúdos repassados; a escola precisa ser um lugar de alegria e prazer.

O brincar, ao contrário dos conteúdos escolares, não tem um objetivo ou preocupações de passar este ou aquele conteúdo, mas revela conhecimentos adquiridos pela criança no momento da brincadeira, os quais tem um fim em si mesmo, apenas pelo prazer de brincar de fazer de novo.

Carvalho nos mostra que, muitas vezes, os momentos de prazer não ocorrem dentro da sala de aula, mas sim, fora dela, nas áreas de recreios, em função das relações de amizade e companheirismo que se estabelecem nesse momento.

É fora da sala de aula que as crianças conseguem ser elas mesmas, corpos que brincam, que jogam, que sentem, que percebem, que se expressa, que descobrem e aprendem na relação com os outros. (Carvalho, 1996,p. 305)

Vemos que mesmos as crianças que trabalham para ajudar financeiramente seus pais, seja, vendendo bombons, chicletes, frutas, tomando conta de carros em estacionamentos, enquanto trabalham, sempre encontram um momento, uma brecha para o brincar; é assim, criam suas brincadeiras, construindo seus mundos, na resistência ao próprio trabalho imposto pela necessidade.

Alves (1987), faz a seguinte indagação:

o que é brincar?, e responde dizendo que brincar é uma atividade não produtiva, ou seja, não visa à produção de qualquer objeto, e continua com outra indagação: mas porque as crianças brincam, se isto não produz nada?, pois, o brincar não produz objetos, mas proporciona prazer. (Carvalho, 1996; apud Alves, 1987,p.305)

Vemos, pois, a importância da escola proporcionar às crianças, mas também aos sujeitos presentes na cultura escolar, professores, funcionários e a comunidade em geral – que (re) signifiquem a sua própria humanidade, ou seja, sua criatividade, sua imaginação, sua capacidade de sonhar; ou numa palavra, que (re) signifiquem sua dimensão lúdica.

Brincar é se recrear, é você se desligar do real e ir para o imaginário, inventar, sair da sua rotina, se distrair, fazer coisas que além de mexer com seu físico, também mexa com sua mente para melhorar a ambos.

Brincar é: se divertir, bagunçar, aprender, interar-se com o outro, ou seja, brincar é se desenvolver como um todo.⁴

⁴ Frase de uma professora sobre a questão: o que significa brincar?

Capítulo IV

Encontros e descobertas potencializados pela pesquisa

Nesse capítulo iremos tecer alguns fios referentes à realização do trabalho de campo na escola, como também à análise dos dados coletados.

Para a coleta de dados na instituição foram utilizados os seguintes recursos:

- Observação participante
- Diário de Campo
- Entrevista com os alunos
- Produção de questionários a serem respondidos pelas professoras
- Imagens iconográficas
- Material produzido pelos alunos

Caracterização do espaço e dos sujeitos da pesquisa

A escola escolhida para fazermos as observações da pesquisa está localizada na cidade de Hortolândia, no interior do estado de São Paulo, em um bairro das classes trabalhadoras, em uma instituição da rede pública, (EMEF Jardim Sumarézinho). A escola oferece como modalidade de ensino em funcionamento o Ensino Fundamental, de 1ª a 4ª série, nos períodos matutino e vespertino; no período noturno existe a Educação de Jovens e Adultos-EJA.

A escola possui 13 salas de aulas, sendo que uma delas funciona a biblioteca, e também possui uma sala de informática, que ainda não está em funcionamento. Em relação ao espaço físico a escola é tem proporções amplas, possuindo um pátio grande, logo na entrada, e, ao fundo, uma quadra de esportes pequena, bem como um parque com balanços, escorregador, casinhas e outros brinquedos. Tem, ainda, uma sala da diretora, uma dos professores, e uma da coordenação, além da secretaria. Dispõe, também, de um refeitório, uma cantina e uma cozinha.

Dados da Observação Participante

Foram realizadas dez observações no total, sendo cada uma de quinze minutos, em média. As observações ocorreram no pátio, no horário de recreio das crianças; como são onze turmas, somente no período da manhã o recreio foi dividido em 3 horários.

O objetivo de realizar as observações dos recreios foi de poder analisar as brincadeiras das crianças, ou seja, com quem brincam, com que instrumentos, em que tempos e espaços, com quais significados.

De início apenas observava e fazia as minhas anotações no caderno de campo; depois passei a participar e a interagir com as crianças nos recreios, passei, então, a perguntar do que estavam brincando, prestava atenção como era a brincadeira, quem participava, como atuavam, como criavam.

Dados da Entrevista com os alunos

Observamos a necessidade de realizar entrevistas com as crianças, de maneira a buscarmos uma maior aproximação com o seu universo.

Formulamos, então, catorze questões¹ a serem respondidas pelas crianças em relação às suas experiências de brincadeira e infância. As entrevistas foram realizadas dentro da escola, no espaço da biblioteca; as professoras de cada sala propuseram-se a escolher dois alunos, sendo uma menina e um menino; o critério escolhido pelas professoras era chamar os alunos mais adiantados nas lições; pois, esses ao saírem da sala de aula não iriam perder muitas atividades escolares. Esses eram levados para a biblioteca, onde lhes eram explicado o que é uma entrevista, como seria realizado, qual o objetivo e assunto da mesma, e qual seria a atuação da criança.

Como o tempo que dispunha era curto, pois não tinha muita possibilidade para ficar com as crianças fora da sala de aula - uma vez que a escola entendia que estas perderiam a dinâmica e as atividades da sala -, utilizei a seguinte tática: enquanto realizava a entrevista com uma das crianças, a outra produzia um desenho sobre as suas memórias de experiências de infâncias e brincadeiras.

A realização das entrevistas foi uma experiência muito rica, na medida em que proporcionou conhecer melhor as crianças, suas vidas, suas brincadeiras, seus brinquedos, seus amigos, seus espaços e tempos de

brincar. Em sua grande maioria, as crianças falaram bastante, trazendo pistas das suas experiências vividas.

Dados do Questionário para as professoras

Inicialmente, pensamos em realizar com as professoras entrevistas, mas devido ao pouco tempo que estas possuem, não consideramos viável; acredito que muitas se negariam a participar. Como era imprescindível a participação das mesmas, pensamos em entregar um conjunto de questões para que essas se manifestassem, o qual poderiam levar para suas casas e responder com calma.

Foram formuladas catorze questões² referentes às suas memórias de infâncias e brincadeiras: tais questões versavam sobre como foram suas experiências de infância, quais foram suas brincadeiras, e outros temas relacionados.

A realização do questionário atuou como instrumento importante para que as professoras se sentissem sujeitos da sua própria história e memória, possibilitando-lhes viajar pelo tempo, voltando para suas experiências de infâncias e brincadeiras, flagrando momentos e cenas significativas das suas vidas - os quais até então estavam esquecidos ou guardados no fundo de um velho baú.

Foi importante perceber como essas ficaram felizes de (re)memorar suas infância e brincadeiras, (re)construindo sons, cheiros, gostos, cenas e sonhos vividos.

Dados sobre o Material produzido pelos alunos

Foi solicitada para as crianças, juntamente com a entrevista, a atividade de desenhar e pintar as suas memórias de experiências de brincadeiras. Nesta atividade, as crianças desenharam as brincadeiras que mais gostavam, que mais lhe davam prazer; sendo assim, elas atribuíram às suas brincadeiras, significados e sentidos, tornando as suas experiências plenas de sentido, e não mais como algo banal e corriqueiro da vida de uma criança.

Quando as crianças desenharam suas experiências de brincadeiras, essas se (re) afirmaram como sujeitos ativos na história, produtores de histórias, memória e culturas, dando voz às suas criações, invenções, sonhos e fantasias.

Ouvir as crianças foi fundamental para minha formação, pois foi possível conhecer melhor seus medos, anseios, dúvidas, sonhos, fantasias, seus mundos; sobretudo, sua capacidade de brincar.

Análise dos dados coletados

Para darmos início à análise dos dados coletados na pesquisa de campo, observamos como esses espaços de ir a campo, ou seja, adentrar a escola, conhecer seus sujeitos, possibilitou vários encontros; encontro com o sujeito criança e professora, produtora de histórias, memórias e culturas; como também descobertas, isto é, descobertas dos movimentos de resistência, permanências e mudanças.

Nesse momento vemos a importância de trazer à tona o que é ser sujeito, tecelão de memórias, no diálogo com o filósofo berlinense. Assim, Galzerani (2002), nos mostra que Benjamin propõe a ampliação e modificação do conceito de sujeito, do tecelão de memórias, importante para a reflexão sobre a problemática da produção de conhecimento. Assim, a autora questiona: qual sujeito que se desfaz e qual o sujeito que surge e permanece nesta narração de si mesmo, que constitui a "infância berlinense"?

Segundo Benjamin a produção de memórias "é obra secreta de lembranças – que, de fato é a capacidade de infinitas interpolações naquilo que foi"; também é, ao mesmo tempo, "a precaução do sujeito que pode exigir que o seu eu o represente, não o venda". (Galzerani, 2002, p.62)

Vemos que rememorar, para Benjamin, significa reconstruir e trazer à luz o passado vivido, na medida em que questionemos as relações e sensibilidades sociais também existentes no presente; assim este autor nos possibilita a noção de "despertar", ou seja, a noção da vontade política de ultrapassar a dimensão dos sonhos e das idealizações, muitas vezes individualistas, e agir com consciência e sensibilidade no presente - sobretudo levando em conta a dimensão do "nós".

Portanto, no diálogo com o trabalho de Galzerani, o qual retoma a visão benjaminiana, entendemos que as imagens de infância desenhadas pelo filósofo são imagens políticas, fundamentadas na ampliação das dimensões sociais e psíquicas do sujeito, produtor de memórias.

Observação participante

Em relação à observação participante, realizadas no horário do recreio, foram realizadas sete observações no total.

As crianças saem da sala de aula em fila indiana e cada criança, quando chega no pátio, encaminha-se para algum lugar; algumas vão para o refeitório receber a merenda da escola; outras compram lanche da cantina; tem também aquelas crianças que trazem lanche de casa.

As observações desenvolveram-se no espaço do pátio de recreio da escola, onde as redes de relações sociais são estabelecidas pelas brincadeiras infantis, e marcadas pelo riso, pela alegria, pela liberdade, pela espontaneidade das crianças.

Quando terminam de lanchar, as crianças organizam-se em pequenos grupos e, em algumas vezes, em grandes grupos. Tais grupos são organizados por afinidades, tipos de brincadeiras e idade. É muito comum ver grupinhos de meninas e meninos separados, mas também, podemos observar grupos grandes de meninos e meninas brincando juntos.

Como o tempo do recreio é curto, as crianças lancham de maneira rápida para logo poderem brincar. Entretanto, apesar do tempo ser curto, muitas vezes este lhes parece durar uma infinidade, como disseram algumas crianças, pensando no tempo do brincar.

Segundo Aflalo⁵ brincar é não perceber o tempo passar e, se isso ocorre, é porque ora sentimos que ele passa muito rápido e ora parece que ele não passa nunca!

O tempo do brincar é diferente do tempo capitalista, E. P. Thompson (2002), historiador marxista inglês, em seu texto “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”, nos traz suas pesquisas sobre a construção do tempo capitalista na Inglaterra, na passagem do feudalismo para o capitalismo. Assim, o autor observa as concepções de tempo como dinheiro, como mercadoria, como dominação. O tempo no sistema capitalista é controlado para ser consumido produtivamente, tendo como objetivo único o aumento do capital e os indivíduos como produtores e consumidores potenciais.

No entanto, o tempo do brincar para as crianças, em grande parte das vezes, não diz respeito a esse tempo capitalista, pois, não é visto por elas como algo controlado, regrado, mensurável; segundo Benjamin, o tempo do brincar é o tempo do sempre fazer novamente, e o tempo do prazer, em sua essência. Quando a criança brinca, ela não percebe o tempo passar, pois é um tempo prazeroso, no qual a criança cria, imagina, fantasia, sonha, (re) significa suas experiências vividas.

É utilizando-se do tempo do brincar que as crianças vivem intensamente o momento do recreio; elas correm, deitam no chão, gritam, falam, pulam, se tocam, pois, o recreio é um momento de libertação, no qual as crianças se sentem livres para serem elas mesmas, para viverem suas

⁵ AFLALO, Cecília. “Significado dos brincar”, www.escolaoficialudica.com.br/atuacoes/significados.htm

infâncias e brincadeiras. Sobretudo, no recreio parece que as crianças alçam vôos, se sentem elas mesmas para fazerem o que mais gostam, brincar.

Preferivelmente, no recreio as crianças brincam de pega-pega, esconde-esconde, pega-azul (uma variação do pega-pega tradicional), pula corda, bater figurinha, bolinha de gude, de apostar corrida, de boneca e bonecos, brincam de mãe e filha, de pezinho, de ciranda de roda, de braço de ferro, de virar cambalhotas, virar estrela no ar, de imitar animais e alguns meios de transporte como carro, caminhão, avião, trem e ônibus.

Outrossim, brincam de mímica, de cabo de guerra, de jogar futebol, utilizando, como bola, restos de salgadinho deixados no chão, pedaços de papel higiênico, ou, ainda, meia. Brincam de polícia e ladrão, de heróis com super-poderes, morto e vivo, gira-gira nos postes, brincam com a morte, brincam com o próprio corpo, e com o corpo do colega.

Podemos observar que muitas das brincadeiras relatadas pelas crianças são brincadeiras tradicionais, cujas origens estão situadas em períodos anteriores ao avanço das relações capitalistas de produção; porém podemos encontrar brincadeiras marcadas diretamente pelas experiências modernas, como é o caso do *vídeo-games* e outros jogos eletrônicos; estas últimas prescindem da presença orgânica do outro, como também colaboram para o apagamento da dimensão do espaço e do tempo. Tais jogos trazem algumas habilidades valorizadas socialmente, tais como a questão da flexibilidade, da rapidez, da agilidade, dentre outras, sendo esses valores relevantes para a constituição do homem e mulher modernos – economicamente na sua atividade máxima.

Temos o caso das bonecas Barbie e da Susy, muito comentadas pelas meninas; não podemos nos esquecer que são, exatamente, o estereótipo da mulher norte-americana, da mulher perfeita, cujos valores (também norte-americanos) devem ser seguidos como exemplo.

Porém, temos por trás da brincadeira de mãe e filha, o ideal - presente nas culturas modernas, inclusive no Brasil, desde o final do século XIX- de se formar o “anjo do lar”, ou seja, a imagem da mulher como dona de casa dedicada e mãe amorosa.

Não podemos deixar de lado a brincadeira da polícia e ladrão, a qual expressa o alto grau de violência vivido pelas crianças nos bairros focalizados, na cidade e no mundo globalizado atual; trata-se, talvez, de uma forma de exteriorização dos seus medos, anseios e angústias, diante dessas difíceis condições urbanas na atualidade, as quais acabam tornando as próprias crianças -e todos nós- prisioneiras(os) no interior de suas (nossas) próprias casas.

Ademais, temos que destacar a importância do futebol para os meninos, sendo esse um dos poderosos símbolos da própria modernidade; é um esporte presente no país desde o final do século XIX, tendo sua origem na Inglaterra. Ademais, vemos como o futebol é muito mais recorrente nas classes trabalhadoras, pois, é um esporte promissor de um futuro melhor. Neste sentido, torna-se, muito mais do que um esporte, um negócio -e as crianças, não são se mostram alheias a este fato.

Além disso, nas brincadeiras, os bancos para sentar transformam-se em barco, canoa, cama e outros objetos que a imaginação desses permite. A

mesa de refeição torna-se uma espécie de tamborim, onde todos juntos batem as mãos e produzem um som. A camiseta da escola na mão da criança transforma-se em bandeira; logo, depois, torna-se um laço para ser lançado sobre outras crianças. As cadeiras se transformam em carros e motos.

Ainda, foi possível observar como as crianças brincam com os seus próprios corpos e com o corpo dos colegas, percebendo-se como seres mais inteiros. Segundo Almeida (2006), a primeira expressão mimético-sensorial do brincar dá-se inicialmente no próprio corpo da criança, o qual constitui seu primeiro brinquedo. As múltiplas possibilidades oferecidas pelo primeiro “instrumento de brincar” das crianças transformam o corpo em um elemento que, misturado ao meio, realiza e aproxima a experiência subjetiva do brincar de sua experiência social plena.

A experiência da criança atualizada na brincadeira e no jogo é permeada por condutas miméticas, possibilitando a criança ir além de sua capacidade de produzir similitudes para lançar-se à transmutação entre os diversos e possíveis papéis sociais, pelos quais ela transita livremente: entre o ser comerciante ou ser professor, ou entre o personificar-se moinho de vento ou de trem. (Benjamin, 1985, apud Almeida, 2006).

O conceito de mimese é caracterizado como a faculdade de reconhecer e reproduzir semelhanças, distinguindo-se da imitação não por se tratar de uma replicação, mas, sim, de uma forma de representação ou de reelaboração. Segundo Almeida o conceito de mimese envolve a diluição de si para fins de aproximação com o outro; portanto, a brincadeira torna-se um ritual mimético no momento em que a criança consegue diluir-se no espaço, no lugar

e no tempo para dar significado ao objeto que manipula ou aos inúmeros papéis que representa com relativa tranquilidade nas diversas vezes que brinca.

Entrevistas com as crianças

Para melhor compreender com quem as crianças brincam, com que instrumentos, quais as suas brincadeiras e quais os espaços e tempos, foi imprescindível a realização das entrevistas³. Foram entrevistadas 18 crianças, sendo essas de 1ª série a 4ª série do ensino fundamental, com idades variando entre 6 a 10 anos.

A maior parte das crianças mora em bairros de classes trabalhadoras, mais especificamente, em bairros dormitórios: Jardim Rosolén, Jardim Sumarézinho, Jardim Sta. Emília, Jardim Novo Ângulo, Vila Inema e Jardim Nova América, na cidade de Hortolândia/SP.

A maior parte das crianças não trabalha fora de casa; na sua maioria são crianças que ajudam os pais, principalmente as mães em casa, em serviços domésticos, como lavar louças, limpar a casa, ajudar a cuidar dos irmãos, além de outros serviços.

Em relação aos trabalhos exercidos pelos pais, observei que a maior parte das mães é trabalhadora do lar, e os pais trabalham fora de casa. As profissões dos pais são: carteiro, caminhoneiro, operário, marceneiro, porteiro, funcionário da prefeitura, pedreiro, mecânico, carpinteiro e outros.

Quando perguntei sobre como é a vida das crianças, essas foram bem objetivas, respondendo que: é "brincar, estudar e se divertir". Sobre as

suas brincadeiras, essas são: pega-pega, esconde-esconde, casinha, mãe-filha, Barbie, carrinho, pipa, pião, estilingue, faz-de-conta; também fazem uso dos jogos eletrônicos (*vídeo-games*, jogos de computador). Podemos dizer, inclusive, que existe em relação aos brinquedos, a predominância do *vídeo-games*, da bicicleta, da Barbie e da Susy, dos utensílios de cozinha, dos móveis de casa, do carrinho; mas também existem crianças que criam seus próprios instrumentos de brincar, como é o caso de um menino entrevistado que disse: “Quando acho uma peça velha, junto tudo para fazer um brinquedo”.

Como já foi dito anteriormente, vemos novamente a recorrência das brincadeiras tradicionais como, a pipa, que tem origem chinesa, o pião que tem origem indígena e outros. Ao seu lado, estão presentes brinquedos tipicamente modernos, os quais buscam modelizar meninos e meninas em relação a determinados padrões de beleza, ou em relação a padrões éticos, na relação direta com os valores do sistema capitalista de produção, como é o caso dos brinquedos eletrônicos. Ademais, temos as miniaturas de objetos de uma casa, que buscam formar a mulher ideal.

No que se refere à questão de com quem às crianças brincam, muitas respondem que é com irmãos, amigos e vizinhos; apenas 3 crianças citam que brincam com os pais. Os espaços de brincadeira restringem-se à escola, à própria casa e à casa dos amigos; 13 crianças disseram que brincam na rua, sendo que a maioria deles são meninos.

Vemos que são poucas as crianças que brincam com os pais, o que evidencia o quanto a dimensão lúdica no adulto está apagada ou quase inexistente; muitas vezes esses não conseguem brincar com os próprios filhos,

por causa do ritmo acelerado do dia-a-dia, do trabalho, o que, conseqüentemente, distancia as experiências das crianças em relação à dos seus pais.

Outrossim, observamos que atualmente os espaços de brincar se restringem à casa e a escola; porém, sabemos que a escola, muitas vezes, não valoriza e não considera a dimensão lúdica da criança como elemento essencial das suas práticas culturais. Assim, permite que o brincar ocorra apenas em espaços e tempos dados, controlados nos recreios, nas aulas de Educação Física, com restrições.

Em relação ao tempo do brincar em casa, a maioria das crianças disse que não tem hora para brincar, mas, normalmente, este ocorre depois dos afazeres escolares e domésticos. Contudo, podemos observar que o tempo do brincar nesse grupo de crianças entrevistadas ainda é respeitado e essas, em grande parte das vezes, vivenciam esse tempo intensamente.

Sobre as brincadeiras dos pais, muitas crianças disseram desconhecer-las e que nunca conversaram com eles sobre isso. Porém, 10 crianças disseram saber, sendo tais brincadeiras relatadas: esconde-esconde, pega-pega, pião, soltar pipa, boneca feita de milho, boneca de pano, casinha, nadar no rio, inferno e céu, pula corda, futebol, peteca; brincar de puxar enxada, pois o pai trabalhava na roça. Uma criança relata ter visto uma fotografia antiga do pai brincando em um jardim com uma mola de ferro.

Interessante que uma criança relatou que a mãe ajudava a família a fazer sofá e para a mãe aquele afazer era uma forma de brincadeira.

Ademais, uma criança relata que o pai trabalhava na roça e não tinha dinheiro para comprar carrinhos; então o pai fazia carrinhos de papelão para brincar.

Vemos que a correria do dia-a-dia, muitas vezes, não possibilita aos pais terem tempo de conversar com os seus filhos sobre as suas infâncias e brincadeiras, compartilhar com seus filhos suas vivências e experiências.

Contudo, sobre o que significa brincar para elas, muitas foram unânimes em dizer que é se divertir, sonhar, criar, construir, dar rasadas, ficar feliz.

Uma criança diz: “brincar é muito legal, porque invento e crio brinquedos e brincadeiras”.

Produção de desenhos

Logo após a realização da entrevista com as crianças, foi solicitado que desenhassem as suas experiências de infâncias e brincadeiras, ou seja, que desenhassem as brincadeiras, as que mais gostavam, as que mais lhes davam prazer.

O interessante foi que as crianças se libertaram desenhando, com muita criatividade e sensibilidade; essas representaram em uma folha de papel as suas percepções e sentimentos, diante das experiências de brincadeira. Nesse sentido, podemos observar nos desenhos das crianças entrevistadas um pouquinho de cada uma delas, pois os desenhos trazem quem são, o que gostam de fazer e de brincar, como brincam, o que é brincadeira para elas, o que é sonhar, criar, inventar, brincando.

De forma geral, os desenhos das meninas, através dos registros das brincadeiras de mãe e filha e de casinha, trazem a questão do “anjo do lar”. –questão muito presente entre as crianças menores. Também foi possível observar desenhos bem pequenos, onde há uma grande separação entre o céu e a os homens. Igualmente, observei aqueles desenhos onde as crianças aparecem sozinhas, muito solitárias, na frente de um computador ou de uma televisão. Observei, também, produções nas quais o que aparece não são as crianças brincando, mas sim, somente os brinquedos -sem vida, sem sujeitos. Ademais, temos desenhos em que as pessoas parecem estáticas, sem vida; porém, outros desenhos trazem movimentos aos corpos, trazem vida. Importante destacar os registros de jogos de futebol e brasões de time, mostrando como é forte a predominância desse esporte nas mentes infantis dos meninos.

Para trabalhar melhor a produção realizada pelas crianças, selecionamos alguns desenhos, para observar de perto os sentidos e significados que potencializam.

No desenho 1 e 2 podemos observar como as meninas produziram uma imagem de mulher estereotipada e modelizada a partir dos padrões de beleza determinados socialmente; nele destacam-se, ainda, traços, relativos à imagem de uma criança, que muito se aproximam da valorização da imagem de uma adolescente; poderíamos perguntar, a autora constitui uma adolescente precoce?

No desenho 3 podemos observar a ausência de criança no ato vivo de brincar; temos, apenas, a presença dos brinquedos, o que pode demonstrar

a maior reprodução (consciente ou não que realiza) da valorização do objeto, em detrimento dos sujeitos das brincadeiras. Entretanto, o desenho 4 traz várias crianças brincando, sorrindo, várias brincadeiras inventadas e criadas. O desenho 5 traz um cenário romântico, de várias crianças brincando, sorrindo e interagindo - expressando experiências do brincar, pautadas, talvez, no importante ato da descentração.

O desenho 6 traz a questão do movimento e da vida nos corpos desenhados; ao mesmo tempo, a criança representa-se com proporções maiores em relação às do goleiro, e nisto observamos a expressão da necessidade da criança sentir-se importante, da questão de estar fortemente autocentrado.

O desenho 7 traz a questão dos padrões estabelecidos no mundo infantil, a partir das indústrias que vendem imagens e produtos infantis, como é o caso do Walt Disney e a divulgação da imagem da pequena sereia.

Tais representações são plenas de sentidos e significados, historicamente localizados. Expressam como as crianças olham suas brincadeiras e os instrumentos de brincar, os tempos e espaços nos quais estão inseridas, como entendem o que é ser criança e como é a vida de criança; sobretudo, através destas imagens podemos notar como as crianças entrevistadas percebem e sentem o mundo que a cerca e o (re)significam. Neste sentido, vemos que a produção dos desenhos foi imprescindível para compreendermos um pouco mais as visões de mundo, as sensibilidades, as percepções das crianças, focalizadas como sujeitos sociais produtores de histórias, memórias e de culturas.

Questionário para as professoras

A realização do questionário voltado para as professoras foi muito relevante como metodologia da pesquisa, pois, possibilitou-nos comparar as suas experiências do brincar com as dos seus alunos. Possibilitou-nos, também, analisar as suas memórias e histórias de infâncias e brincadeiras.

Ao todo foram 10 professoras que participaram da pesquisa.

A idade das professoras varia entre 24 a 44 anos. A maioria das professoras mora na cidade de Hortolândia ou em Campinas, e trabalha apenas em uma escola; no caso a escola pesquisada EMEF Jardim Sumarinho. Apenas duas professoras trabalham em outra escola, uma em uma escola no Jardim Adelaide, outra em Campinas, com EJA. Em relação ao local onde viveram a infância, a maioria referiu-se à cidade de Campinas, no estado de São Paulo; apenas uma morou no estado da Bahia.

As profissões dos pais, não diferem muito das profissões dos pais das crianças; no caso da mãe, a maioria delas eram donas de casa; ademais, uma era secretária e outra professora; os pais trabalhavam como: metalúrgico, funileiro, motorista de ônibus, jardineiro, pintor, funcionário público, mestre de obras.

No que se refere ao item “como foi a infância das professoras e o que faziam”, todas relataram que tiveram uma ótima infância, brincaram muito, divertiram-se muito. Uma professora disse o seguinte: *“foi ótima, fiz um pouco de tudo, soltava pipas, brincava de bola, de pião, de carrinho, tomava conta dos meus 4 irmão, lavava, passava, arrumava.”*

Outra, mergulhando nas suas memórias, disse: *“Quando eu tinha por volta de 4 a 6 anos de idade minha mãe comprava brinquedos como panelinhas e essas coisas e ajudava-nos a montar uma casinha. Além disso, trazia o lanche da tarde, café e pão com manteiga para que servíssemos à mesa de brinquedo improvisada com um caixote, com toalhinha e vasilha. As bonecas também faziam parte do cenário. Era uma verdadeira brincadeira de casinha.”*

Algumas das brincadeiras ora citadas são muito semelhantes às brincadeiras dos seus alunos; no caso das brincadeiras tradicionais, como: pega-pega, esconde-esconde, pula corda, queimada, boneca, casinha, amarelinha, roda, balanço, gangorra, escolinha, bicicleta, bolinha de gude, outros.

Mas, observamos algumas diferenças nas brincadeiras de os sujeitos pesquisados, pois as professoras brincaram com algumas práticas que as crianças não costumam brincar mais, tais como: elástico, mamãe da rua (uma brincadeira cantada, que se transforma em pega-pega), elefantinho colorido (o mesmo que brincar de alerta, mas é com cores), “rouba” bandeira com galhos pequenos de árvore (é uma espécie de pega-pega, mas espera-se pegar o galho de árvores ou uma bandeira), três marias, boi de mamão (feito com mamão novo).

Os seus instrumentos de brincar, em relação ao dos seus alunos, são mais rudimentares; muitos eram instrumentos primitivos, mas que possibilitavam um brincar pleno de sentidos e significados, como: bonecas, utensílios de cozinha, bola, bolinha de gude, lousa, roda, cadernos velhos,

papel de carta, elástico, caixas velhas, mamão, batata, tampas velhas, ossinhos, sabugo de milho.

Em relação ao item “com quem brincavam”, as docentes disseram que brincavam com irmãos, amigos e vizinhos, não muito diferente dos companheiros de brincadeiras dos seus alunos. Os lugares e espaços de brincadeira eram a própria casa, casa dos amigos, vizinhos, e principalmente a rua.

A rua, como podemos observar na entrevista com as crianças, com o passar do tempo e com o avanço da globalização, e, principalmente, com o acirramento das diferenças sociais, deixa de ser, cada vez mais, um lugar das brincadeiras, sobretudo face à violência que nela se instala e se aprofunda; assim, as crianças são retiradas da rua e aprisionadas em prédios e condomínios fechados ou em suas próprias casas, restando as essas apenas os brinquedos eletrônicos, os quais prescindem da presença orgânica do outro. Assim, a rua deixa de ser um espaço de brincadeira coletiva, de interação entre vizinhos.

Em relação às brincadeiras na escola, as professoras relataram que acontecia apenas nos horários de recreio e nas aulas de educação física. O tempo do brincar em casa sempre ocorria depois dos afazeres domésticos e escolares.

As respostas das professoras sobre “o que significa brincar” é muito semelhante às dos seus alunos, e trazem à tona a idéia, sobretudo, de diversão. Uma professora diz: “brincar é soltar a imaginação, é ser feliz, é fazer de um pedaço de madeira um carrinho, de uma espiga de milho uma boneca.”

Outra professora diz: *“se divertir, fazer coisas que nos dêem prazer, sem obrigações, sem preocupações”*.

Uma professora complementa dizendo: *“brincar na minha opinião significa diversão, criação, imaginação, sonho. Liberar o sentimento de forma lúdica e criativa”*.

Em relação às “diferenças observadas pelas professoras no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos”, essas foram unânimes em dizer que atualmente as crianças preferem brincar com computador, *vídeo- game*, e outros jogos eletrônicos do que “brincar de verdade”, de criar e de inventar brincadeiras, pois, antes elas eram mais livres e podiam brincar na rua.

Uma professora diz: *“Sim, hoje em dia existem muitas crianças que preferem utilizar o computador e jogo, do que se relacionar com e brincar com os colegas, além disso, não se pode brincar na rua como antigamente, pois os lugares estão muito perigosos.”*

Outra diz *“hoje pensamos mais em organizar os tempos de brincar na escola. E esse tempo fica mais reservado a Educação Física e ao recreio. Na sala de aula poderia ser também um espaço para o lúdico, mas acabamos envolvidas demais em um currículo corrido e cobrado e acabamos não colocando os jogos dirigidos, que seriam mais uma oportunidade de brincar no espaço de nossas aulas.”*

Ademais, foi possível observar nos questionários respondidos pelas professoras que, a dimensão lúdica no seu cotidiano hoje é quase que inexistente; ou seja, elas não brincam mais, não tem tempo para isso, porém, foi possível notar que algumas dizem brincar ainda; algumas brincam com seus filhos e outras brincam com seus alunos na sala de aula, mas mesmo assim, não consideram essa atividade como brincadeira, mas sim, como uma obrigação do papel social de mãe e de profissional, professora.

Portanto, vemos que são nesses espaços e brechas que os adultos devem colocar em ação a sua dimensão lúdica, brincando com seus filhos e alunos, permitindo-se criar, inventar, libertando-se do tempo do trabalho e vivenciando o tempo do prazer, do fazer coletivo; ou seja, é possível produzirmos resistências culturais no nosso dia-a-dia, sobretudo como educadoras. Dizer não ao distanciamento e afastamento de uma dimensão pessoal e coletiva mais inteira e mais prazerosa.

É uma coisa legal. Quando brinco estou me divertindo.

É se divertir. Brincar é legal, porque eu sonho em ser professora.

Quando brinco eu fico feliz, eu sonho que sou gente grande.⁶

⁶ Frase de crianças entrevistada sobre a questão: o que significa brincar?

Capítulo V

Potencialidades do conceito de resistência: em busca de inspiração para a produção de conhecimentos sobre as práticas do brincar.

Consideramos importante trazer à tona alguns conceitos trabalhados pelo historiador inglês, E. Palmer Thompson, tais como os movimentos de mudança, de permanência e, sobretudo o de resistência cultural. Quando pensamos nas experiências de infâncias e brincadeiras situadas na contemporaneidade, tentamos focalizar o que permaneceu, o que mudou, as formas de resistência e também os porquês.

Foi possível compreender –através da observação dos recreios, das entrevistas com as crianças, e dos questionários respondidos pelas professoras - como algumas brincadeiras ainda permanecem no lócus pesquisado, apenas com alguns sentidos e práticas inalteradas, como é o caso das cantigas de roda, o pega-pega, esconde-esconde, soltar pipa, o pião, o brincar de faz-de-conta. Podemos observar que as professoras relatam as mesmas brincadeiras mencionadas pelas crianças, com algumas pequenas alterações; as brincadeiras das professoras eram realizadas com instrumentos mais rudimentares, como, espiga de milho, batata, mamão, caixas e caixotes e outros. Sobretudo, podemos observar tais brincadeiras nas práticas cotidianas, ou seja, nas atividades colocadas em ação no recreio pelas crianças.

Ao mesmo tempo, pudemos observar nas brincadeiras das crianças algumas tendências que reproduzem práticas modernas; porém,

também pudemos analisar tentativas de (re) significar as experiências vividas nas brincadeiras tradicionais; ou seja, observamos nestas práticas os dois movimentos de aceitação e de resistência, em relação à ordem prevalecente, ao mesmo tempo.

Com o avanço do capitalismo, da industrialização e do modo de vida burguês, muitas brincadeiras foram abandonadas, por exemplo, a brincadeira de pular odres de vinho, as brincadeiras coletivas entre adultos e crianças, as brincadeiras sazonais, e outras. Algumas práticas foram modificadas, os meninos não brincam mais de bonecas, pois, começam a separar brinquedos para meninas e brinquedos para meninos.

É nesse sentido, que as brincadeiras que condiziam com esse novo modo de vida e com as novas práticas sociais adotadas e inseridas na sociedade, permaneceram; isto porque tais brincadeiras não ameaçavam esse novo sistema e, de certo modo, contribuíram para a sua concretização, na medida em que, com o passar do tempo e das gerações tais brincadeiras foram sendo transmitidas e cristalizadas como práticas sociais; assim, o brincar passa a ser visto como um instrumento de inserção/aprendizagem no mundo dos adultos pelas crianças.

Segundo Cipolini (2007) era (e é) nas práticas e nas relações sociais cotidianas que se aprendia (e se aprende) a ser um bom burguês, sobretudo,

ser burguês, por exemplo, não se aprendia (e ainda não se aprende) somente na escola. É algo sutil, construído nas relações sociais historicamente datadas. São experiências mediadas por práticas sociais – tais como assistir a um concerto, ter contato com obras de arte, programas radialísticos, televisivos, ler revistas, almanaques, literatura – nem sempre rotuladas como “educação”. Mais indiretas menos explícitas. Mais sutis. Talvez por isso, sejam mais eficientes. (Mas concebidas pelos dominantes de maneira consciente). São sutilezas presentes em detalhes do dia-a-dia, palavras escutadas, palavras lidas, gestos vistos, gestos feitos (...). (CIPOLINI, 2007, p.122 e 123)

Para refletirmos sobre o conceito de experiência, da mesma forma que Cipolini, buscamos em Peter Gay (1988) uma definição. Para o autor, a experiência é construída na relação com pessoas inteiras e com o mundo, como também é algo individual, pois cada pessoa (re) constrói o vivido ao seu modo, na relação com as pessoas e com o contexto histórico em que esta inserida. Sendo assim, a brincadeira como uma experiência é aprendida na relação e nas práticas sociais cotidianas, no contato direto com o mundo que o cerca.

É na tensão, no encontro e confronto com os vários outros sociais, que a criança se faz sujeito social, não simplesmente (re) produzindo tudo aquilo que recebe, mas (re) significando, (re) criando e (re) inventando a cultura; sendo assim, cria dimensões culturais próprias, infantis.

A produção dos brinquedos eletrônicos tem a intenção de tornar as crianças cada vez mais eficientes, de acordo com os princípios valorizados pelo capitalismo, como a flexibilidade, a rapidez, ou seja, segundo Michel

Foucault (1978), tal sistema busca educar as crianças para se tornarem burguesas, seres politicamente dóceis e economicamente ativos.

Logo, quando focalizamos os movimentos de transformação/rupturas, vemos a questão da mudança do feudalismo para o capitalismo, que altera totalmente o modo/estilo de vida, as maneiras de pensar, sentir, falar e, sobretudo, as maneiras de brincar e interagir.

Vemos como antes do capitalismo eram valorizadas as festas, brincadeiras, danças e músicas coletivas, ou seja, a interação entre adultos e crianças; o tempo valorizado era o tempo da vida, do prazer. Depois, com o avanço da industrialização valoriza-se o tempo do trabalho, em detrimento de outras atividades humanas. Assim, o adulto, em grande parte das vezes, deixa de brincar, de criar, de imaginar e sonhar. Sobretudo, o brincar passa a ser uma atividade da criança, pois, não traz lucro para o sistema.

É nesse sentido, que, através da pesquisa, se constata que os adultos (professores) pesquisados, em grande parte das vezes, na relação direta com as tendências sócio-culturais burguesas, deixaram de lado práticas sociais mais ampliadoras, do seu ser, tais como o brincar, voltando-se para o trabalho, principalmente o remunerado, o encaixado nas relações sociais de produção.

Ademais, observamos que os brinquedos passam a serem especializados em brinquedos de acordo com o gênero e faixa etária, como também esses passam a serem plastificados, perdendo a sua originalidade, a sua essência.

Neste sentido, atentos aos movimentos de transformação/rupturas presentes, percebemos que com o passar do tempo e das gerações as brincadeiras foram se modificando e se transformando, ganhando outros significados e sentidos, como também muitas brincadeiras são hoje (re) criadas, (re) inventadas pelas crianças pesquisadas; por exemplo, temos a brincadeira de ciranda de roda tradicional, que logo se transforma em pega-pega.

Nesse sentido, buscando os pressupostos teóricos de Vygotsky vemos que a atividade humana, brincadeira, ocorre somente nas relações sociais de existência, ou seja, na relação com os outros sociais; sendo assim, na relação com outras crianças e com o universo adulto que as crianças criam uma cultura própria, a cultura infantil, na medida, que transformam alguns elementos da cultura dos adultos e (re) significam os mesmos, como também, resistem a algumas determinações do mundo adulto.

Sendo assim, as ações lúdicas são baseadas na concretude das relações com os sujeitos de sua cultura e através do que a criança observa esses sujeitos fazendo com os objetos e entre si, assim, como no desempenho de papéis ela seleciona entre todas as ações possíveis aquelas que se ajustam às regras de comportamento do papel desempenhado. As temáticas que as crianças escolhem para as suas brincadeiras também se originam de parcelas da realidade que elas observam e experimentam.

Em relação aos movimentos de resistência cultural, compreendemos esse movimento a partir da ótica de Thompson; esse considera a resistência não como uma categoria “estática”, mas como

categoria histórica, voltada para análise de homens reais, com suas vitórias e fracassos; assim, vemos a resistência como um espaço de construção de brechas, de alternativas e de possibilidades, de novas aberturas de significados.

É nesse sentido, que podemos observar a capacidade das crianças pesquisadas, ao mesmo tempo, em dizer não, em resistirem ao que lhes é imposto. As crianças, nas suas experiências de brincar, (re) significam suas experiências vividas e o mundo que a cerca, dotando suas brincadeiras de significados e sentidos outros, nem sempre se deixando determinar pelos brinquedos (instrumentos) de brincar.

É nessa perspectiva, que muitas vezes a criança aceita o que lhe é imposto, mas, ao mesmo tempo acaba por imprimir à prática, sentidos díspares, contraditórios. Os adultos quando criam os brinquedos pensam que irão determinar as brincadeiras das crianças; porém essas escolhem os seus brinquedos e criam suas brincadeiras; sobretudo, no ato vivo e dinâmico da brincadeira, essas dizem sim e não; ambigualmente resistem, (re) inventando, (re) criando os significados e sentidos dos brinquedos, afirmando-se como sujeitos sociais produtores de histórias, memórias e de culturas.

Segundo Benjamin (1984) "a resposta da criança se dá através do brincar, através do uso do brinquedo, que pode enveredar para uma correção ou mudança de função." Além disso,

a criança também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças "fazem a história a partir do lixo da história". (Benjamin, 1984, p.14)

Brincar é imaginar, criar, divertir.

*Se divertir, fazer coisas que nos dêem prazer, sem obrigações, sem
preocupações⁷*

Para não concluir

É exatamente para não concluir que essa pesquisa apresentou algumas reflexões, idéias e questionamentos sobre as culturas do brincar, com o objetivo de suscitar novas reflexões. Por isso, deixamos soltos alguns fios que podem e devem ser tecidos por tecelões de histórias e memórias.

Com isso, esse trabalho traz a possibilidade de olhar a pluralidade da infância a partir do enfoque das crianças como sujeitos sociais, capazes de produzir suas histórias, memórias e culturas. Sujeitos históricos que possam encontrar na brincadeira um espaço para criar, inventar, construir, atuar, participar, recriar, agir, interferir e imaginar.

Nesse sentido, acreditamos que é trazendo à luz as memórias desses tecelões, que observamos como a história está sempre em movimento, podendo ser tecida, não somente pelos grandes heróis, mas também pelas crianças, que produzem ativamente movimentos de permanências, transformações/rupturas e resistências. Sobretudo, observamos que nas práticas sociais cotidianas, crianças e adultos produzem resistências ao sistema imposto, criando brechas e possibilidades de (re) construir a dimensão lúdica, muitas vezes apagada e esvaziada de significados, o que distancia os seres humanos de si mesmos e dos outros.

Sendo assim, vemos que as crianças, no seu ato de representar a vida cotidiana, através das brincadeiras, expressam o seu entendimento do universo adulto, significando e (re) significando suas visões de mundo, e produzindo culturas, sensibilidades, historicamente datadas.

⁷ Frases das professoras sobre a questão: o que significa brincar?

Quando pensamos no avanço do capitalismo na sociedade moderna, percebemos como esse vem agindo de forma voraz, transformando o brincar apenas em um momento, um instante de “lazer”, de “descanso”, de “descompromisso”; transformando essa experiência humana, em experiência “maquinica”, controlada e regrada; sobretudo, vemos como o próprio capitalismo, em grande parte das vezes, concebe o brincar como espaço de formação de autômatos, seres passivos e condizentes com as lógicas capitalistas prevalecentes.

A pesquisa desvelou nas experiências de infâncias algumas tendências de brincadeiras que reproduzem algumas práticas modernas, por exemplo, o *vídeo-games*, os jogos eletrônicos, o futebol, a brincadeira com a boneca Barbie ou Susy, a chamada “polícia e ladrão”, dentre outras. Tais brincadeiras trazem muitos elementos das práticas sociais cotidianas, tais como a questão da violência do estereótipo da mulher e dos valores norte-americanos, a questão do esporte moderno promissor para um grande futuro; e os padrões exigidos cotidianamente na sociedade para ser um bom empregado, aquele, eficiente, rápido, ágil, flexível. Sutilmente, essas práticas sociais permeiam a produção dos brinquedos modernos, a fim, de formar a criança a partir dos moldes igualmente modernos.

Entretanto, ambigualmente, observamos em muitas dessas brincadeiras, algumas tentativas de (re) significação, ou ainda, formas das crianças resistirem culturalmente às estas sutis imposições da sociedade moderna. Muitas dessas tentativas são de ultrapassar o medo, a violência, o padrão de beleza americano e as imposições sociais.

Além disso, foi possível observar no grupo de crianças pesquisadas, uma forte presença de elementos tradicionais, que antecedem o avanço do capitalismo. Essa forte presença decorre, principalmente, pelo fato dessas crianças serem das classes trabalhadoras, não tendo, muitas vezes, poder aquisitivo para adquirir brinquedos modernos; assim, nem sempre reproduzem as visões de mundo das classes dominantes; muitas vezes, ambigualmente, nas práticas do brincar revelam outras tendências culturais, (re) significando suas experiências vividas, e apresentando, igualmente, sutis resistências às imposições da sociedade dominante.

Quando pensamos no âmbito escolar, vemos a importância da escola considerar e valorizar o brincar, ou seja, a dimensão lúdica das crianças como um espaço de interação e de produção de saberes. Neste lócus estas (re) significam o mundo que as cerca. Neste sentido, importa que o professor saiba trabalhar o brincar articulado à produção de saberes escolares, tornando a produção mais prazerosa, não fragmentando a razão da emoção.

Na perspectiva de Vygotsky (1988), é importante o professor atuar na sala de aula como um mediador, permitindo a brincadeira como um espaço de aprendizagem, criando uma zona de desenvolvimento proximal, no qual as crianças possam se “comportar além do comportamento habitual de sua idade, além, de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é, na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob foram condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento”. (Vygotsky, 1988, p. 117)

Cabe à escola a tarefa de tornar disponíveis os acervos culturais de brincadeiras tradicionais, contos, lendas que dão conteúdo à expressão imaginativa da criança, abrindo espaços para que a escola receba outros elementos da cultura que não a escolarizada, beneficiando e enriquecendo o repertório imaginativo da criança.

Por fim, deixamos alguns fios soltos no tecer dessa pesquisa, no qual vemos a importância de olhar a questão da resistência cultural nas experiências de infâncias e brincadeiras. Como essas ocorrem no interior das práticas sociais e nas próprias relações sociais de existência? Esses são possíveis fios para serem tecidos em futuras pesquisas.

Finalizo deixando como fios reflexivos um poema sobre as cem linguagens das crianças.

Ao contrário as Cem Existem

Loris Malaguzzi

A criança
É feita de cem.
A criança tem cem mãos cem pensamentos
Cem modos de pensar
De jogar e de falar.
Cem sempre cem
Modos de escutar
De maravilhar-se e de amar.
Cem alegrias
Para cantar e compreender
Cem mundos para descobrir
Cem mundos para inventar
Cem mundos para sonhar
A criança tem cem linguagens

E depois cem cem cem.
Mais roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura
Lhe separam a cabeça do corpo

Dizem-lhe:

De pensar sem as mãos
De fazer sem a cabeça
De escutar e não falar
De compreender sem alegrias
De amar e de maravilhar-se
Só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe:

Que o jogo e o trabalho
Realidade e a fantasia
A ciência e a imaginação

Céu e a terra

A razão e o sonho

São coisas

Que não estão juntas.

Dizem-lhe enfiam:

Que as cem não existem

A criança diz:

Ao contrário as cem existem.

Tradução livre de Ana Lúcia Goulart de Faria, Patrizia Piozzi e Maria Carmem Barbosa do original italiano: *Invence il c'è, Bambini*. Milão, ano X, 2, fevereiro/1994.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, A. O direito das crianças à educação infantil. **Revista Pro-Posições**. v.14, n.3 (42) – set/dez, 2003.

ALMEIDA, D., B., L., de. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 27, nº 95, Campinas maio/ago. 2006, p.541-553.

Ariès, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

ALTMAN, R. Zumbano. org. **História das crianças no Brasil: brincando na história**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BASSAN, S. A constituição social do brincar: um estudo sobre o jogo de papéis. **Dissertação de mestrado**. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

BARTHEES, R. **Mitologias: brinquedos**. Trad.: GERMAMINO, Rita Buon: SOUZA, Pedro. 4.ed. 1980, p. 42.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas cidades, ed. 34, 2002.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BROUGERE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez., 1995.

BRUHNS, H. T. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Revista Motrivivência**. Ano VIII – nº 09 – Dezembro/ 1996.

BUJES, M. I. Crianças e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, M. V. **Estudos** culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000, P. 205-228.

CARVALHO, N. C. Lúdico: sujeito proibido de entrar na escola.
Revista Motrivivência. Ano VIII – nº 09 – Dezembro/ 1996.

CIPOLINI, T. O. Tramas tramadas de um tapete: fios históricos nas produções literárias de Ruth Rocha. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: [s. n.], 2007

CÔRTE VITÓRIA, M. I. O brinquedo e a brincadeira: uma relação marcada pelas práticas sociais. In: A criança e a produção cultural – do brinquedo à literatura/ SISSA JACOB, org. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

ELKONIN, D. B. Psicologia do jogo. São Paulo: Martins Fontes, 1998

FERNANDES, F. A cultura infantil. IN: As Trocinhas do Bom Retiro (cap.2) In: Folclore e mudanças social na cidade de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 1979, p. 153-258.

GALZERANI, M. C. B.. Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin. In: GOULART, A . L. de Faria, DEMARTINI, Z. de B. F., PRADO, P. D. (orgs). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2002

GALZERANI, M. C. B.. Memória, História e (Re) invenção Educacional: Uma Tessitura Coletiva na Escola Pública._In: MENEZES, M., C.. Educação, memória e história: possibilidades e leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. São PAULO: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MARCELLINO, N. O lazer e o uso do tempo na infância. Comunicarte, IAC, ano 4, nº 7, p. 86-98, 1986.

MARCELLINO, N. Pedagogia da Animação. Campinas, Papirus, 1990.

MEIRA, A. M. "Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea". Psicologia & Sociedade; 15 (2): 74-87; julho/dez. 2003

NETO, A. F. A esportização do mundo e/ou a industrialização do esporte: suas influências na vivência lúdica com a criança, em especial com o brinquedo. Revista Motrivivência. Ano VIII – nº 09 – Dezembro/ 1996.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Aventuras e enigmas da informatização dos brinquedos. Motrivivência. Ano VIII – nº 09 – Dezembro/ 1996.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Brinquedo e indústria cultural. Petrópolis: Vozes, 1986.

DE SANTIS, L. M. Infância: tempo de brincar? (um estudo sobre a criança a infância das crianças ricas). Campinas, SP: [s.n.] 1998.

Prezotto, E. Brincadeiras infantis e adultas: da América portuguesa até o final do século XIX. Campinas, SP: [s.n.] 1999.

ROCHA, M. S. P. M. L.da. A Constituição Social do Brincar: modos de abordagem do real e do imaginário no trabalho pedagógico. Dissertação de Mestrado, Faculdade Educação da UNICAMP, 1994.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1981.

SOUZA, M. A. Se essa rua, fosse minha... Estudos sobre a submissão, resistência e transgressão de crianças brincando nas ruas de Barão Geraldo.

Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação/UNICAMP. Campinas, SP [s.n.], 1998

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora, 1989.

Anexo I

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: masculino () Feminino (x)

Série: 4ª série

1) Quantos anos você tem?

- 10 anos de idade.

2) Onde você mora?

- No Vila Inema

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Eu ajudo mais ou menos meus pais, ajudo a lava louça e varre casa.

4) E os seus pais no que trabalham?

Meu pai é carteiro e minha mãe faz unha em casa.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

Eu gosto muito de estudar, brincar e jogar vídeo-game.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

Eu brinco de pega-pega, queimada, esconde-esconde; e brinco de futebol com os meus irmãos, e de vídeo-game.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

Eu tenho em casa bonecas que ficam de enfeites e ursinhos, mas não brinco com esses brinquedos, porque perdeu a graça.

8) Com quem?

Eu brinco com os meus irmão, vizinhos e amigos.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

Brinco na escola na aula de Educação Física. No recreio eu não brinco, só converso. E na rua eu brinco de queimada e de bola.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

Não, posso brincar sempre quando não tenho nada para fazer.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

Já, eu não brinco mais de esconde-esconde e de bonecas.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

Só sei do meu pai, porque ele me disse que brincava de pega-pega e de esconde-esconde.

14) O que é brincar para você? O que significa?

Se divertir, dar risadas.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: masculino (x) Feminino ()

Série: 4ª série

1) Quantos anos você tem?

- 10 anos de idade.

2) Onde você mora?

- *Moro no Jardim Sumarézinho.*

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- *Trabalho ajudando meus pais a limpar a casa e lava o carro.*

4) E os seus pais no que trabalham?

- *Minha mãe trabalha em casa e meu pai é caminhoneiro.*

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- Eu gosto de brincar, fazer lição e jogar futebol.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- Brinco de jogar futebol, bets na rua, solto pipas na rua, brinco de pião, bolinha de gude e vídeo-game.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- Eu tenho um computador que eu brinco, bola, bolinha de gude e de bets, pião e vídeo-game.

8) Com quem?

- *Eu brinco com os meus irmãos, amigos e vizinhos.*

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola brinco de queimada, futebol, pega-pega, esconde-esconde e nas aulas de Educação Física.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Eu brinco a qualquer hora, sempre depois de fazer a lição.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- *Não*

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Já, eu não gosto muito de pega-pega americano e de brincar de carrinho.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Meu pai falou que brincava de pião e de soltar pipa, foi ele que me ensinou a brincar de pião e com pipa, e a minha mãe eu não sei.

14) O que é brincar para você? O que significa?

- É diversão.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 1 ano

1) Quantos anos você tem?

- 6 anos

2) Onde você mora?

- Moro na rua João Paulo, no Jardim Nova América.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Eu ajudo a minha mãe em casa a lava louça, secar o banheiro e outras coisas.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe é dona de casa e meu pai trabalha na GEVISA

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- É legal, brinco muito.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- Eu brinco de ser professora, de casinha, de mãe e filha; gosto de brincar no parquinho de pega-pega, de esconde-esconde; também gosto de brincar de roda, de na terra.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- Eu tenho bonecas, carrinhos, bonecona, suqueira, utensílios de cozinha e bicicleta.

8) Com quem?

- Eu brinco com as minhas coleguinhas e coleguinhos

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Brinco na escola de pega-pega, também brinco no parque e na quadra. Brinco na casa da minha avó e das minhas amigas, e na rua.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Eu brinco na hora que eu quiser.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Eu gosto de todas as minhas brincadeiras.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Eu sei que a minha mãe brincava com bonequinhas pequenas e de casinha com os seus amigos.

14) O que é brincar para você? O que significa?

É uma coisa legal, quando brinco estou me divertindo.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 3ª série

1) Quantos anos você tem?

- 9 anos de idade.

2) Onde você mora?

- Moro na rua F, no Jardim Sumarézinho.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo minha mãe cuidar da minha irmã, e também ajudo lava louça e limpar a casa.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe dá curso de manicure na associação de bairro e meu padrasto é marceneiro.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- É legal, faço um pouco de tudo, brinco e estudo.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- Gosto de brincar com o lep top, com o meu celular de mentirinha, com uma lousa mágica, com a minha raquete, e com a minha cozinha.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- Tenho um lep top, um celular de mentirinha, uma lousa mágica, uma raquete, e uma cozinha.

8) Com quem?

- Brinco com os meus irmãos, amigos, com a Brenda e com os primos.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola brinco de pega-pega, pega-azul e de pular corda. Na rua eu não brinco porque minha mãe não deixa.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco sempre quando termino o serviço de casa.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não gosto mais de brincar de pega-pega, pique-no-alto, pega-ajuda.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Minha mãe gostava de brincar de inferno e céu, boneca e vôlei e meu pai gostava de jogar futebol, soltar pipa, nadar no rio; ele morava no sítio.

14) O que é brincar para você? O que significa?

- É se divertir.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 3ª série

1) Quantos anos você tem?

- 11 anos de idade.

2) Onde você mora?

- No Jardim Sumarézinho.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Não trabalho nem em casa e nem fora de casa, não ajudo os meus pais.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe é dona de casa e pai eu não tenho.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- Faço muitas coisas. Ando de bicicleta pelo bairro, fico na rua andando e gosto de ficar no bar.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- Não gosto de brincar de nada. Mas, gosto de jogar burquinha e andar de bicicleta, também gosto de matar passarinho com estilingue, gosto de bater cartinhas e soltar pipas, também gosto de jogar baralho.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- Não gosto de brinquedos. Tenho apenas como brinquedos em casa, uma bicicleta, burquinhas, pipa, cartinhas.

8) Com quem?

- Com amigos e irmãos.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola brinco na quadra de futebol e no recreio brinco de pular corda, de correr e de encher o saco dos outros. Na rua eu solto pipa e ando de bicicleta. Eu mato pássaro em casa, no quintal.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Eu brinco na hora que eu quiser.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não gosto de brincar de carrinhos mais.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Não

14) O que é brincar para você? O que significa?

- *É divertido brincar.*

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 3ª série

1) Quantos anos você tem?

- *8 anos de idade.*

2) Onde você mora?

- *No Jardim Rosolém.*

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- *Eu ajudo algumas vezes os meus pais em casa.*

4) E os seus pais no que trabalham?

- *Meu pai é porteiro e minha mãe é dona de casa.*

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- *Eu jogo bola, basquete, de correr, de jogar vídeo-game. É muito bom ser criança.*

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- *Gosto de brincar de vídeo-game e de jogos eletrônicos, gosto de jogar futebol, basquete, correr, brinco de carrinho, brinco que sou um piloto de avião.*

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- *Eu tenho carrinhos da (hotu), avião, moto, bola, bichinhos em miniatura, caminhão e carreta, e vídeo-game.*

8) Com quem?

- *Eu brinco com amigos e com o meu pai e minha mãe.*

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- *Na escola eu brinco de pega-pega, esconde-esconde. Na rua eu brinco de futebol, de soltar pipa, de andar de bicicleta.*

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- *Eu posso brincar a qualquer hora.*

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- *Eu tenho aqueles carrinhos bem antigos que não existe mais, eram do meu pai.*

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- *Não gosto mais de brincar de chocalho e de carrinho*

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- *Meu pai brincava de puxar enxada, ele diz que não teve infância, porque trabalhava muito e minha mãe gostava de pular corda.*

14) O que é brincar para você? O que significa?

-É divertido e legal.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 3ª série

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 8 anos de idade

2) Onde você mora?

-Moro no Jardim Sumarézinho.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

-Ajudo a minha mãe a lava louça, varre a casa, passa pano no chão, às vezes minha mãe deixa eu cozinhar.

4) E os seus pais no que trabalham?

-Minha mãe trabalha de construir peças de avião na Lamar e meu pai trabalha de empilhar na HM.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-Eu brinco na rua com as minhas amigas, brinco de boneca com a minha irmã e gosto de cantar.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

-Eu brinco de pula corda, de boneca, de correr, de pega-azul, brinco de ser veterinária e médica.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Eu tenho bonecas, casinha, coisas de enfermeira e de veterinária, animais em miniatura, utensílios de cozinha, fogãozinho, e mesinha.

8) Com quem?

-Brinco com minha irmã, amigas e pais.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

-Na escola brinco de pega-pega e pega-azul, esconde-esconde, pular corda. Na rua brinco de boneca na calçada.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

-Tenho uma hora certa para brincar, primeiro faço os serviços de cada e depois as tarefas da escola, só assim, posso brincar.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Brinco com uma cachorrinha que não existe mais, não se vende

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida (aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não gosto mais de jogar basquete.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Sei, minha falou que brincava com boneca de milho e meu pai brincava de futebol.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-É se divertir. Brincar é legal, porque eu sonho em ser professora.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 1 ano

1) Quantos anos você tem?

- Tenho 7 anos de idade.

2) Onde você mora?

-Moro no Jardim Nova América.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

-Ajudo meu pai a lava carro.

4) E os seus pais no que trabalham?

-Minha mãe trabalha de faxineira, limpa tudo. O meu pai é oficial de computador.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- Eu brinco com os meus primos de vídeo-game. É muito legam ser criança.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- *Brinco no computador, com jogos, de vídeo-game na casa da minha avó, brinco de carrinho, de bola, bolinha de gude, pega-pega, esconde-esconde, corrida de bicicleta e de corrida.*

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-*Tenho carrinhos, computador, vídeo-game, bicicleta, bola, bolinha de gude, pipa, pião e vassoura.*

8) Com quem?

- *Com irmão, amigos e primos.*

9) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

-*Na escola eu brinco de pega-pega, esconde-esconde, naruto (articula desenhos e filmes ao mesmo tempo) e corrida. Na casa da minha avó eu brinco de cabana e de cavalo de pau. Na rua eu brinco de eletricidade, astronauta (desenho de foguete), de massinha, de soltar pipa e de futebol. Em casa eu brinco com a minha irmã com bola, com bichinhos para morder.*

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- *Não tenho um horário para brincar, brinco quando a Gabriela que é minha irmã dorme.*

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

-*Não.*

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- *Sim, não gosto de brincar de astronauta e de brincar de vendedor de mentira.*

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- *Não*

14) O que é brincar para você? O que significa?

- *É se divertir, é uma coisa legal.*

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 2ª série

1) Quantos anos você tem?

- *Tenho 7 anos.*

2) Onde você mora?

- No Bairro Jardim Rosolém.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo em casa minha mãe; lavo louça, ajudo a varrer o quarto, as folhas do quintal, do banho nas cachorras, arrumo livros, arrumo a instante, tiro o pó dos móveis.

4) E os seus pais no que trabalham?

-Meu pai trabalha na Net (de eletricidade) e minha mãe trabalha no Boldrini, de secretária.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-Brinco, sou alegre, assisto desenho, brinco na rua, ando de bicicleta, brinco de bola, de vôlei, vou no clube, no parque, nado, leio. É legal minha vida.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

-Brinco de bicicleta, de boneca, de mãe e filha, de bola, de professora, brinco no meu cavallinho, de casinha, de Herry Potter; brinco de sereia e na arvore.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Tenho carrinhos do meu irmão, bonecas, utensílios de cozinha, bicicleta, patins e video-game.

8) Com quem?

- Brinco com o gato, com a minha cachorra, meus amigos e irmão.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Brinco na escola no parque, na aula de Educação Física e no recreio de roda -roda, corrida, pega-azul. No parque eu brinco no balanço e no escorregador. Em casa eu brinco de bicicleta, de casinha e de vídeo-game. Também brinco na casa da minha tia e da minha amiga; também brinco na rua de corrida de bicicleta, ando de patins, de bate cartinha, de bets, às vezes brinco de casinha na calçada.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco das 18 horas às 19h 30 minutos. De sábado e domingo eu brinco o dia todo.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Brinco com coisas que existem.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

-Não gosto mais de brincar no gira-gira e de princesa.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

-Eu vi uma foto do meu pai pequeno, brincando no jardim, e a minha mãe brincando com uma mola de ferro. A minha mãe brincava com boneca de pano e de bola de meia, o meu pai brincava de hominho (bonecos) ele tem um caminhão todo quebrado antigo.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-Se divertir, ter novos amigos.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 1 ano

1) Quantos anos você tem?

- Tenho 6 anos de idade.

2) Onde você mora?

- Moro no final da rua.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo meus pais em casa, quando deixam.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe é cabeleireira e meu pai é carteiro.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- Bem legal, porque eu brinco muito.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- As minhas brincadeiras são: poste sem fio (na rua), herói, futebol, de alcançar, de assustar, de bola espremida, homem aranha, coiole, avião, pega-pega, pega-galo, pega-tartaruga, cachorro, gato-passarinho.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- Eu tenho carrinhos, video-game (está quebrado), neguinho (boneco), caixote, avião, bola.

Quando acho peças velhas eu junto para fazer um brinquedo.

8) Com quem?

- Brinco com dois amigos da rua, João Victor e Wilson.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola eu brinco de pega-pega, na rua não muito, de vez em quando.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

-Brinco qualquer hora em casa.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

-Eu brinco de amarra-esconde, essa é uma brincadeira que ninguém mais brinca, mais eu gosto.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

-Todas que eu brinco eu gosto. Gosto de brincar mãos de carrinho.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Não.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-É muito legal, porque invento, crio brinquedos e brincadeiras. Eu gosto de inventar brincadeiras, porque quem inventa é o chefe.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 1 ano

1) Quantos anos você tem?

- Tenho 6 anos.

2) Onde você mora?

- Moro no Jardim Rosolém.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

-Não.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe e meu pai trabalha na Estrasova.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-É legal, porque eu brinco muito.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

-Brinco de carrinho, de bola, ando de bicicleta e de vídeo-game.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Eu tenho bola, bicicleta, vídeo-game, carrinho e pipa.

8) Com quem?

Brinco com primos e amigos da rua.

9) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- Na escola, em casa, na rua e na casa dos meus primos.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco toda hora, eu peço para o meu pai e ele deixa.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

-Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não gosto de brincar de corda.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Não.

14) O que é brincar para você? O que significa?

- Brincar é um monte de coisas, e ser feliz, e ser criança.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 1 ano

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 6 anos.

2) Onde você mora?

- No Jardim Nova América.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo minha mãe em casa limpar casa, lava a cozinha e lava louça.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe trabalha em casa e o meu pai trabalha em uma forma em Monte Mor.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-Fico brincando com a coleção Barbie. É muito legal. Brinco e estudo.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

-Brinco de pula corda, amarelinha, boneca, Barbie e bêbe. Brinco de casinha.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Tenho bonecas, Barbie, bêbe, utensílios de cozinha, ama, guarda roupa, bicicleta. Tenho carrinho da Barbie e tenho uma boneca que fala (gosto muito de brincar com ela)

8) Com quem?

-Brinco com a minha amiga Jéssica e com os amigos nas escola, Gabriela e Larissa.

9) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- Na escola eu brinco no parque e no recreio, de pula corda, esconde-esconde e de roda na quadra. Brinco na casa da minha tia e da minha amiga, e também vou em um clube brincar.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco qualquer hora.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

-Todas as brincadeiras que eu brinco eu gosto.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

-Não.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-Quando brinco eu fico feliz, eu sonho que sou gente grande.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino (x) Feminino ()

Série: 3ª série

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 7 anos.

2) Onde você mora?

- *No Jardim Sumarézinho.*

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- *Ajudado as vezes, eu lavo louça para minha mãe, cuido dos meus irmãos.*

4) E os seus pais no que trabalham?

- *Minha mãe é dona de casa e meu pai trabalha na habitação, na Prefeitura de Hortolândia.*

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- *É muito legal. Eu jogo muita bola. Brinco um pouco de carrinho.*

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- *Brinco de futebol, brinco de macaco, brinco de monstro com o meu irmão, polícia e ladrão e solto pipa.*

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

- *Tenho bola da Nike, carrinho da Hot Wils, mini game, bicicleta.*

8) Com quem?

- *Brinco com amigos, com o meu irmão e minha irmã.*

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- *Brinco na escola, na rua, em casa, as vezes desço na rua do trem.*

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- *Primeiro faço a lição, almoço, deito e depois posso brincar.*

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- *De bola de jornal.*

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- *Não gosto mais de brincar de ovo choco.*

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- *Meu pai brincava de peteca, soltava pipa, e jogava futebol com bola de meia. A minha mãe brincava com boneca de milho e ajudava minha avó fazer sofá de bambu, para ela era uma forma de brincadeira, foi o meu tio que ensinou.*

14) O que é brincar para você? O que significa?

-É legal, muito, sonho, crio. Quando viro a minha bicicleta para baixo eu vejo um barco, brincar é isso.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 2ª série

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 7 anos.

2) Onde você mora?

- Esqueci.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo minha mãe e minha avó, ajudo lavar louça.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe trabalha na clínica de saúde, atende telefone. O meu pai fica construindo a casa que vou morar, ele quer ser pedreiro.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-Brinco com a minha prima, com o meu cachorro e na rua..

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

-Ando de bicicleta, brinco de boneca e pega-pega.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Tenho boneca, bicicleta, Barbie, a casa dela, e miniatura de dinossauros, e utensílios de cozinha.

8) Com quem?

- Brinco sozinha, com a minha prima e com os meus amigos.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola eu brinco de pega-pega, paredão e bola, eu também brinco em uma rua calma, de pega-pega.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco qualquer hora, uma hora eu leio, e assisto Tv.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

-Não gosto muito de brincar de boneca.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

-Minha mãe brincava de bonequinha de moranguinho e meu pai brincava de soltar pipa e com carrinho, mas ele ainda brinca de pipa comigo.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-É divertir, eu aprendo várias coisas, a escrever, a ler.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: Masculino () Feminino (x)

Série: 2ª série

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 8 anos.

2) Onde você mora?

- No Jardim Sumarézinho.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo lava louça, limpar casa, lava roupa, estender roupa.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe é dona de casa e meu pai trabalha no clube Guarani de pedreiro.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

-Brinco de Barbie, bonecas, estudo, leio livros, assisto TV, ajudo minha mãe a dobrar as roupas.

6)Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

- Brinco de Barbie, boneca, mãe e filha as vezes e de princesa.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

-Tenho boneca, bicicleta, Barbie, nenezinho, carrinho de boneca, berço, utensílios de cozinha.

8) Com quem?

- Brinco sozinha, as vezes brinco com a minha amiga Vaniely.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na escola eu brinco de babalú no recreio e brinco na casa da minha amiga.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco só depois de terminar a lição de casa.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

- Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

-Não gosto de pular corda.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

-Minha mãe tinha três bonecas, uma Barbie, uma boneca e uma girafinha. Meu pai nasceu na roça, então fazia carrinho de papelão.

14) O que é brincar para você? O que significa?

-Se divertir.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: masculino (x) Feminino ()

Série: 2ª série

1) Quantos anos você tem?

- 7 anos de idade.

2) Onde você mora?

- No Novo Ângulo.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Ajudo a lava louça, a fazer comida, limpar o chão e ajudo meu pai a consertar guarda chuva e sofá.

4) E os seus pais no que trabalham?

- Minha mãe é domestica e meu pai é dono de casa (conserta guarda chuva e sofá em casa).

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

Brinco, estudo, jogo bola. Brinco com os meus amigos.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

Eu brinco de futebol, vídeo-game, carrinho, pula corda, esconde-esconde.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

Eu tenho em casa bola, vídeo-game, carrinho, hominhos, jogos e filmes.

8) Com quem?

Eu brinco com os meus amigos, o meu irmão foi assassinado, também brinco com o meu primo.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

Na escola eu não brinco, porque não pode correr, só brinco em casa, na casa de amigos as vezes.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Tenho uma hora para brincar, depois que faço minha lição, limpar e ajudar na casa.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Não.

14) O que é brincar para você? O que significa?

- Brincar é muita diversão.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: masculino (x) Feminino ()

Série: 4ª série

1) Quantos anos você tem?

- 7 anos de idade.

2) Onde você mora?

- No Jardim Sta. Emilia.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Não

4) E os seus pais no que trabalham?

Minha mãe é dona de casa e meu pai monta e conserta carros.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

- Brinco de futebol, jogo vídeo-game, assisto TV, gosto de brincar no parque, gosto de ir na logoa andar de bicicleta.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

Eu brinco de vídeo-game, futebol, solto pipa, brinco no parque, e ando de bicicleta.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

Eu tenho uma bicicleta, vídeo-game, bola, pipa, caminhão de brincar.

8) Com quem?

Eu brinco com os meus irmão, com os meus amigos e com os meus pais.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

Brinco na escola de pega-azul, pega-pega, esconde-esconde. Na rua solto pipa e brinco de garrafa muda. E gosto de ir no circo que tem perto de casa.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

Posso brincar a qualquer hora.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

Brinco com um carrinho antigo.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

Não.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

- Não. .

14) O que é brincar para você? O que significa?

- Brincar significa paz e amor.

Entrevistas com os alunos

Gostaria que você contasse sobre a sua infância e sobre as suas brincadeiras...

Sexo: masculino () Feminino (x)

Série: 2ª série

1) Quantos anos você tem?

- 8 anos de idade.

2) Onde você mora?

- No Jardim Sumarézinho.

3) Você trabalha dentro ou fora de casa?

- Eu ajudo a limpar casa, lava louça, o fogão, arrumo a cama.

4) E os seus pais no que trabalham?

Meu pai é carpinteiro e minha mãe é dona de casa.

5) Como é a sua vida de criança? O que você faz?

Eu gosto de estudar, brincar, ir no parque, ir na casa da minha madrinha e joga vídeo-game, brincar com a minha cachorrinha, gosto de ir na casa da minha avó brincar com os meus primos.

6) Do que você brinca? Na escola, em casa e outros lugares?

Eu brinco de boneca, mãe e filha, faço uma casa, brinco com a Barbie, faço uma casinha, gosto de brincar de mercado, de lojinha, festa, aniversário, carrinho, com o meu irmão gosto de jogar vôlei e futebol.

7) Com que instrumentos (brinquedos)?

Eu tenho em casa bonecas, Barbie, peças de montar, carrinho, bichinho, ferramentas de concertar e de montar, bola.

8) Com quem?

Eu brinco com os meus irmão, amigos e primos.

9) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

Brinco na escola de mamãe, cachorrinha e pega-azul. Na casa da minha avó, da minha madrinha e em casa.

10) Você sempre tem um horário para brincar? Como é na escola e como é em casa?

- Brinco a qualquer hora.

11) Você brincava com alguma coisa que hoje não existe mais?

Não.

12) Você já mudou as suas brincadeiras ao longo da sua vida(aquilo que você gostava e hoje já não gosta mais)?

- Não.

13) Você sabe como seus pais brincavam? Com que brinquedos? Onde? Já conversaram sobre isso?

Não.

14) O que é brincar para você? O que significa?

Brincar significa paz, amor e paixão.

Anexo II

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 24 anos.

2) Onde mora?

- Em Campinas.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Apenas nessa escola.

4) Onde morava quando era criança?

-Em Campinas, no mesmo lugar.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha mãe e do lar e meu pai metalúrgico.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Minha infância foi ótima. Brincava com meus amigos, ia para escola e passeava com minha família.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Brincava de pula-corda, elástico, mamãe da rua, elefantinho colorido, pique bandeira, queimada, vôlei, boneca, casinha, esconde-esconde.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Bola, elástico, corda.

9) Com quem?

- Amigos (crianças de idade próxima) e irmã.

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na rua, em casa ou na casa dos meus colegas.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- As brincadeiras na escola era orientadas pelo professor de educação física, em casa brincava com minha irmã e amigos.

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Na escola brincávamos apenas na educação física, em casa geralmente no período da tarde.*

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar é interagir com os colegas, é se divertir, nas brincadeiras, resolvemos conflitos internos, nos possibilita viver em um "mundo" diferente do qual vivemos (brincadeiras de faz-de-conta).*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Observamos muita diferenças nas brincadeiras, pois quando eu era criança nós (eu e meus colegas) podíamos brincar na rua de várias brincadeiras, hoje as crianças ficam pressas dentro de casa geralmente brincando de vídeo-game ou vendo desenhos violentos.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

- *Tenho 28 anos.*

2) Onde mora?

- *Em Hortolândia.*

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- *Apenas na EMEF Jd. Sumarezinho*

4) Onde morava quando era criança?

- *Em Campinas.*

5) Qual era a profissão dos seus pais?

- *Minha mãe era secretária e o meu pai funileiro.*

6) Como foi a sua infância? O que você fazia?

- *Minha infância foi divertida, eu ajudava a cuidar das minhas irmãs, brincava com meus primos e estudei desde do infantil.*

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- *Brincava de mamãe da rua; amarelinha; elástico; casinha; pula corda; etc.*

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- *Boneca; papel de carta.*

9) Com quem?

- *Minhas irmãs; amigas e primos.*

10) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- *Em casa e na rua.*

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- *Na escola: elástico; papel de carta; caracol. Em casa: boneca; casinha. Na rua: amarelinha; mamãe da rua; caça tesouro.*

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Na escola: somente no horário do intervalo; em casa: depois de fazer as obrigações da escola e de casa..*

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar, na minha opinião significa diversão, criação, imaginação, sonho. Liberar o sentimento de forma lúdica e criativa.*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Sim. Hoje em dia existem muitas crianças que preferem o computador e o jogo, do que se relacionar com e brincar com os colegas, além disso, não se pode brincar na rua como antigamente, pois os lugares estão muito perigosos.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 41 anos.

2) Onde mora?

- Em Hortolândia.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Apenas nessa escola.

4) Onde morava quando era criança?

- Em Diadema, SP.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha mãe e do lar e meu pai motorista de ônibus.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Eu estudava, brincava, só que tudo tinha o seu horário. Minha mãe era muito rigorosa nos horários. Nos fins de semana saíamos para passear. Outra coisa que eu me lembro bem era do meu pai que sempre contava histórias para mim à noite. Ele chegava cansado do trabalho, mas era sagrado. Aos cinco anos eu já era alfabetizada e minha mãe me incentivava a escrever e ler. Se ela precisasse fazer algumas compras, ela dizia para que eu fizesse a lista para ela, ela ia ditando e eu escrevendo isso com cinco, seis anos e ela sempre deixava bilhetes para mim com recados. Se alguém viesse procurá-la e ela não estivesse em casa eu anotava o recado ou o nome da pessoa. E todo dia enquanto ela limpava a cozinha, passava roupa etc, ela tomava a tabuada de mim. Eu acho que todas essas atitudes me ajudaram muito na minha vida escolar.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Escolinha, casinha e queimada.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Panelinha, fogãozinho, lousa, giz, cadernos velhos, bola.

9) Com quem?

- Meus vizinhos.

10) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- *Na garagem, na rua, em frente de casa.*

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- *Brincadeiras tranqüilas, sem agressões, exemplo, passa anel, mês, casinha, mercadinho, escolinha, beijo, abraço ou aperto de mão, queimada, soldadinho da Europa, ordem, peteca, vôlei, corda.*

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Havia. Estudava de manhã, descansava um pouco após o almoço, fazia lição e aí brincava até.*

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar é se recrear, é você se desligar do real e ir para o imaginário, inventar, sair da sua rotina, se distrair, fazer coisas que além de mexer com seu físico, também mexa com sua mente para melhorar a ambos.*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *As brincadeiras no meu tempo de criança eram menos agressivas. Eu lembro que era muito difícil haver uma briga entre os colegas. Hoje em dia a agressividade tomou conta das brincadeiras na rua e na escola.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

- *Tenho 36 anos.*

2) Onde mora?

- *Em Hortolândia.*

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- *Sou professora em Sumaré também.*

4) Onde morava quando era criança?

-Em Campinas.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha era doméstica e meu pai jardineiro.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Foi maravilhosa. Eu brincava muito.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Brincava de roda, queimada e boneca.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Bola.

9) Com quem?

- Com os meus amigos.

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Na rua.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- As mesmas.

12)Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora?Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- O tempo era dividido, 1º as obrigações depois as brincadeiras.

13)O que é brincar? O que significa?

- Brincar é soltar a imaginação, é ser feliz, é fazer de qualquer pedaço de madeira um carrinho, de uma espiga de milho uma boneca.

14)Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- A diferença é muito grande, hoje a maioria das crianças "brincar" se resume em vídeo-game, computador e etc.

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 50 anos.

2) Onde mora?

- Em Campinas.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Na EMEF Sumarezinho e no Adeilaide.

4) Onde morava quando era criança?

-Parte da minha infância foi em Sta. Bárbara D' Oeste, até 8 anos e depois viemos para Campinas.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Meu pai era motorista de ônibus circular na cidade de Campinas e minha mãe só em casa.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Minha infância foi muito gostosa e traz lembranças prazerosas. Quando eu tinha por volta de 4 a 6 anos minha mãe comprava brinquedos como panelinhas e essas coisas e ajudava-nos a montar uma casinha. Além disso, trazia o lanche da tarde, café e pão com manteiga para que servissemos à mesa de brinquedo, improvisada com um caixote, com toalhinha e vasinho. As bonecas também faziam parte do cenário. Era uma verdadeira brincadeira de casinha! Eu era a mais velha e por isso sempre queria ser s mamãe. Já em Campinas morávamos em uma pequena casa com todo o terreno vazio na frente da casa. Minha mãe construiu uma casinha enorme de madeira, onde os quatros filhos entravam e ficavam lá espremidos. Na verdade a casa fora construída para um cachorro que não chegou a usar e nós tomamos posse dela. Brincávamos muito de pega-pega, esconde-esconde. Balanço que minha mãe construí no quintal, entre outras coisas. Lembro-me que no início da adolescência ainda brincava a noitinha, depois do jantar, com os garotos e garotas, vizinhos. Brincávamos de queimada e de bets.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Roda, de casinha principalmente, com bonecas, balanço, gangorra improvisada pela mãe.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Bonecas, brinquedos que imitam a casa.

9) Com quem?

- Irmão e vizinhos.

10) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- No quintal, na rua, em frente de casa e quando chovia dentro do quarto.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- Na escola não havia o espaço de brincadeiras, mas os meninos brincavam de pega, coisas que meninas não faziam para não se sujarem.

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- Havia hora de brincar, hora de estudar e hora de ajudar a mãe. Não havia hora de brincar na escola.

13) O que é brincar? O que significa?

- Diverti-se e muitas vezes entrar no mundo da imaginação.

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- Hoje pensamos mais em organizar os tempos de brincar escola. E esse tempo fica mais reservado a Educação Física e ao recreio. Na sala de aula poderia ser também um espaço para o lúdico, mas acabamos envolvidas e acabamos não colocando os jogos dirigidos, que seriam mais uma oportunidade de brincar, no espaço de nossas aulas.

-

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 30 anos.

2) Onde mora?

- Em Hortolândia, no Sumarezinho.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Apenas nessa escola.

4) Onde morava quando era criança?

-Em Campinas (Jardim Lisa, periferia)

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha mãe era auxiliar de limpeza e meu pai pintor.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Minha infância foi tranquila, brincava muito.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Brincava de jogar bola; amarelinha; casinha; escolinha; queria ser professora; é brincava de bets na rua.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Bola, boneca, lousa, etc.

9) Com quem?

- Geralmente com primas e primos.

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- Em casa e na rua.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- Na escola gostava muito de brincar com bola.

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- Brincávamos a qualquer hora. Exceto nos momentos de realizar as tarefas de casa.

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar significa divertir-se.*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *No meu tempo brincamos muito na rua. Hoje os alunos geralmente brincam em casa, geralmente com computadores. Tínhamos mais espaço e liberdade. Brinco com as minhas duas filhas, mas cansa.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

- *Tenho 44 anos.*

2) Onde mora?

- *Em Campinas.*

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- *Aqui e em Campinas no EJA.*

4) Onde morava quando era criança?

- *Campinas.*

5) Qual era a profissão dos seus pais?

- *Minha mãe era dona de casa e meu pai mestre de obras.*

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- *Foi muito feliz. Brincava muito de casinha, boneca, bola e bicicleta.*

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- *As mesmas brincadeiras citadas anteriormente.*

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- *Bola, boneca, e alguns objetos que simulava ser algo.*

9) Com quem?

- *Colegas de escola ou vizinhos e primos.*

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- *Quase sempre em casa no quintal.*

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- *Na escola eram brincadeiras de cantar (roda).*

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Podia brincar depois da aula, e nos finais de semana.*

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar é imaginar, criar, divertir.*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Muitas diferenças, éramos crianças mais concentradas no que fazíamos e tínhamos um comportamento coerente nos lugares. Brincávamos com brincadeiras realmente direcionadas e de acordo com a nossa faixa-etária (brincadeiras de crianças).*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

- *Tenho 28 anos.*

2) Onde mora?

- *Em Valinhos.*

3) É professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- *Somente aqui.*

4) Onde morava quando era criança?

- *Na cidade de Sumaré.*

5) Qual era a profissão dos seus pais?

- *Minha mãe é professora e meu pai era guarda.*

6) Como foi a sua infância? O que você fazia?

- *Ótima! Brincava bastante, estudava e ajudava minha mãe.*

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- *Brincava de jogar bola, bolinha de gude, "rouba" bandeira, andava de bicicleta, escolinha (o que mais gostava), etc...*

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- *Bola, bicicleta, lousa, bolinha de gude, "rouba" bandeira com galhos pequenos de árvore.*

9) Com quem?

- *Amigos, primos e irmãos.*

10) Onde (quais os lugares/espços de brincadeiras)?

- *Em casa, na rua, na casa da avó, etc.*

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- *Não respondeu.*

12) Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora? Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Sim, depois da escola, após realizar lição de casa e ajudar nas tarefas de casa.*

13) O que é brincar? O que significa?

- *Brincar é: se divertir, bagunçar, aprender, interagir-se com o outro, ou seja, brincar é se desenvolver como um todo.*

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Hoje em dia é totalmente diferente. As crianças só querem saber de brincar de vídeo-game, computador e outros brinquedos mais modernos. No meu tempo as brincadeiras eram mais divertidas, pois brincávamos na rua, na casa dos colegas... Brinco com as crianças na sala de aula.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Mais de 40.

2) Onde mora?

- Em Hortolândia, no Sumarezinho.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Só nessa escola.

4) Onde morava quando era criança?

-No Estado da Bahia.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha mãe costureira e meu pai funcionário público.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Foi ótima, fiz um pouco de tudo, soltava pipa, brincava de bola, de pião, de carrinho, tomava conta dos meus 4 irmãos, lavava, passava, arrumava.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Brincava de boneca, de bola, pipa, queimada, corda, de roda, três marias, de casinha, boi de mamão (feito com mamão novo)

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Com as bonecas que tinha, algumas caixas velhas, sabugo de milho, ossinhos, mamão, batata, tampas velhas...

9) Com quem?

- Com minhas irmãs e vizinhos e as vezes sozinha.

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- No quarto, na sala, na cozinha, na rua, na calçada, no quintal, na casa da vizinha.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- Não havia espaço para brincadeiras na escola; idem 10.

12)Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora?Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- *Havia tempo e horário determinado para brincar, o tempo na escola passava rápido, e em casa mais devagar.*

13)O que é brincar? O que significa?

- *Se divertir, fazer coisas que nos dêem prazer, sem obrigações, sem preocupações.*

14)Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Sim, eles só sabem correr, bater, empurrar, só brincam com pressa, apenas para cumprir o horário destinado a brincadeira, não sabem aproveitar o tempo.*

Questionário para as professoras

Gostaria que você voltasse para suas infâncias, para as suas experiências de brincadeiras e buscassem as suas memórias sobre:

Sexo: Masculino () Feminino (x)

1) Quantos anos você tem?

-Tenho 44 anos.

2) Onde mora?

- Em Campinas.

3) E professora apenas nessa escola/ ou tem outro emprego?

- Apenas nessa escola.

4) Onde morava quando era criança?

-Em uma casa com meus avós e mãe.

5) Qual era a profissão dos seus pais?

-Minha mãe do lar e pai falecido.

6) Como foi a sua infância? O você fazia?

- Tranquila, ajudava nas tarefas de casa, brincava e estudava muito.

7) Quais eram as suas brincadeiras?

- Brincava de escola, casinha, pula corda, esconde-esconde.

8) Com que instrumentos (brinquedos) brincava?

- Não respondeu.

9) Com quem?

- Com primos e vizinhos.

10) Onde (quais os lugares/espacos de brincadeiras)?

- No quintal.

11) Como eram as suas brincadeiras na escola, em casa e em outros lugares?

- As que eu citei a cima, menos na escola que eu estudava e conversava.

12)Havia um tempo determinado para brincar ou podia brincar a qualquer hora?Como era na escola e em casa, em relação ao tempo?

- Quando terminada as tarefas de casa, juntávamos e brincávamos.

13)O que é brincar? O que significa?

- Não respondeu.

14) Você observa alguma diferença, mudança ou permanência no brincar do seu tempo e no brincar dos seus alunos?

- *Completamente diferente.*

Anexo III

Produção de desenhos das crianças.



Figura I

Pulver

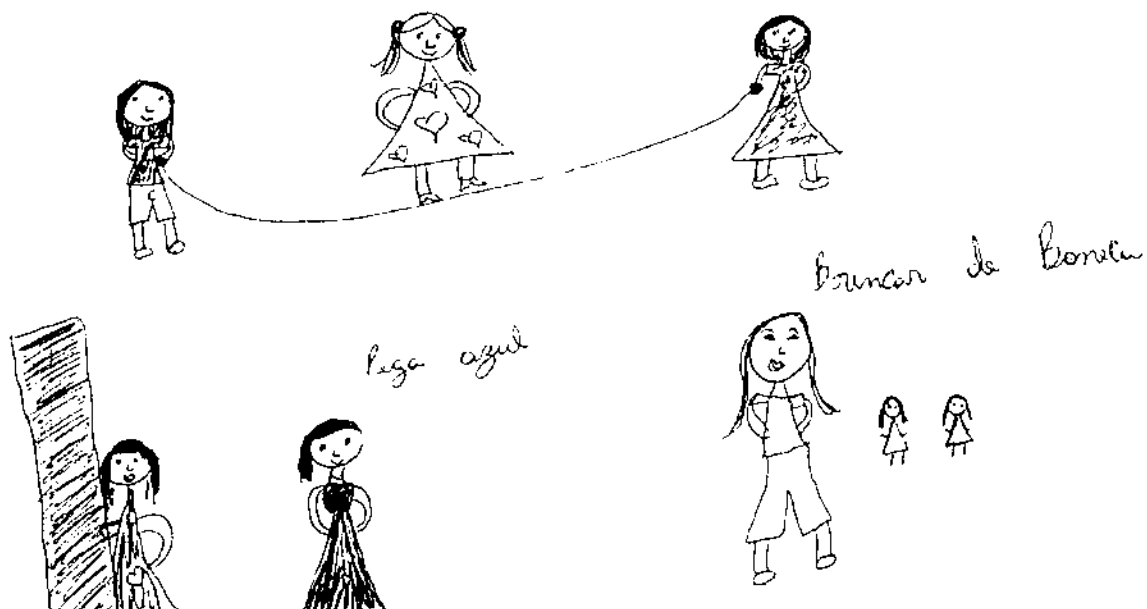


Figura II

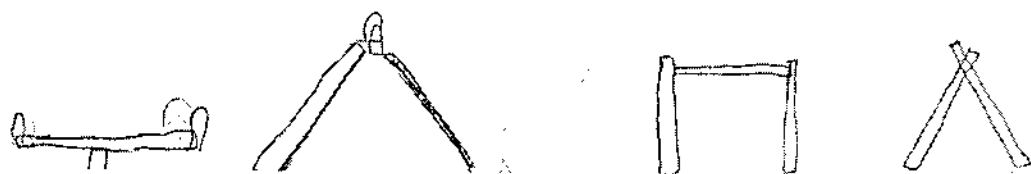


Figura III

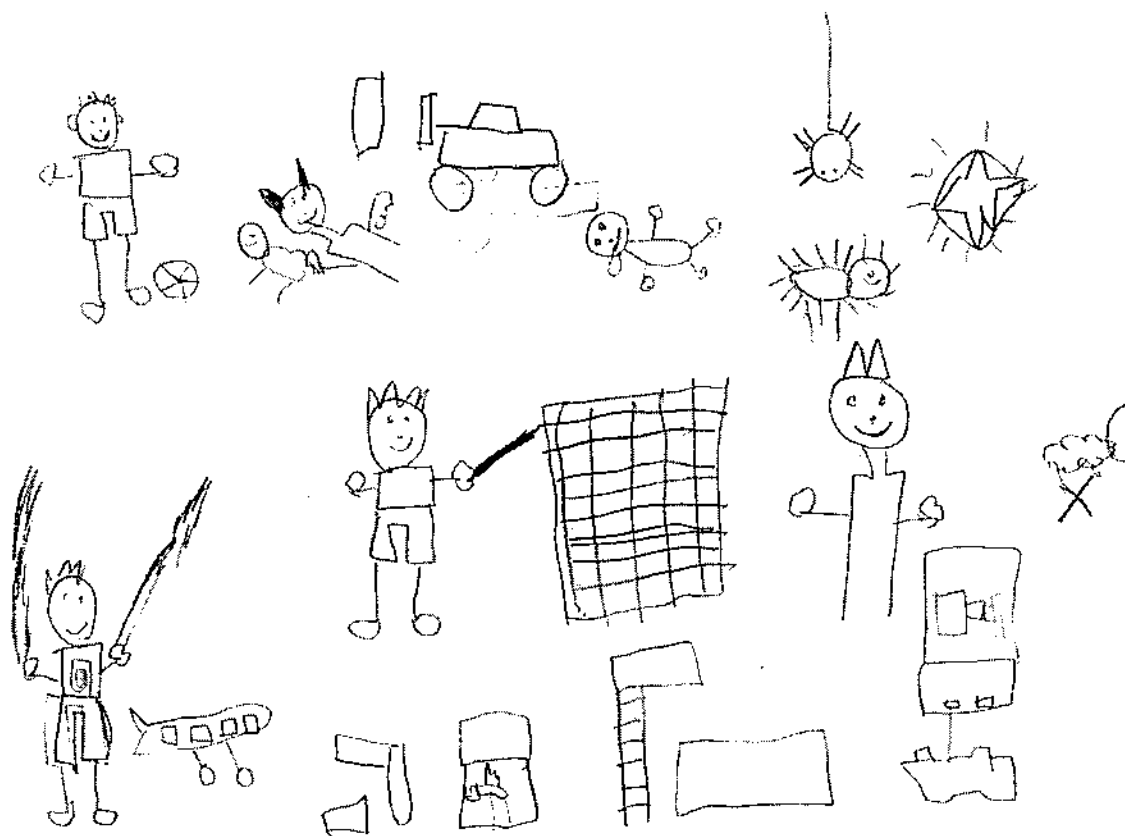


Figura IV

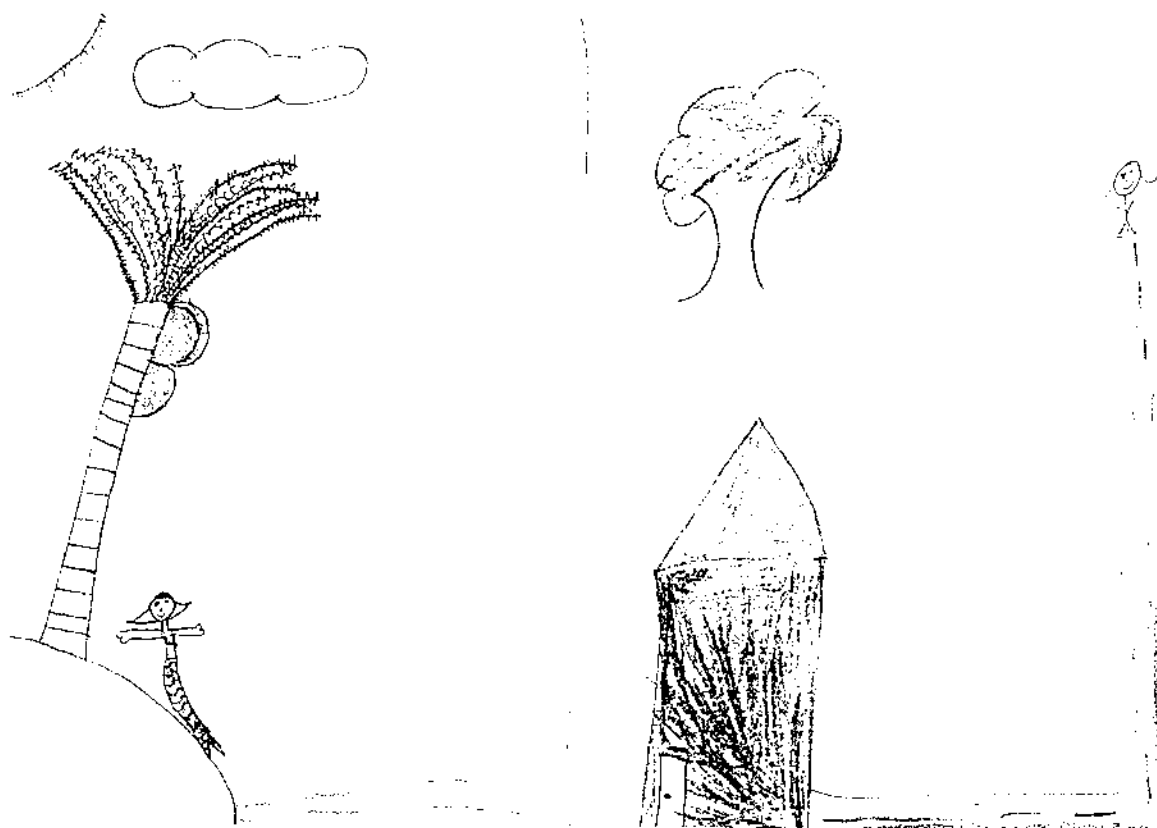


Figura VII

Anexo IV

Imagens iconográficas das brincadeiras das crianças no recreio.



Imagem das crianças brincando de ciranda de roda.



Imagem das crianças brincando de pega-azul.



Imagem das crianças brincando de braço-de-ferro.



Imagem das crianças brincando com bonecas (Barbie).



Imagem de meninos e meninas brincando de pular corda.

